

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

ÍSIS FABIANA DE SOUZA OLIVEIRA

**O SIGNIFICADO DO TRABALHO E DO NÃO TRABALHAR NA PERSPECTIVA
MASCULINA: UMA ANÁLISE JUNGUIANA**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS**

**São Paulo
2017**

ÍSIS FABIANA DE SOUZA OLIVEIRA

**O SIGNIFICADO DO TRABALHO E DO NÃO TRABALHAR NA PERSPECTIVA
MASCULINA: UMA ANÁLISE JUNGUIANA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Liliana Liviano Wahba.

**São Paulo
2017**

ÍSIS FABIANA DE SOUZA OLIVEIRA

**O SIGNIFICADO DO TRABALHO E DO NÃO TRABALHAR NA PERSPECTIVA
MASCULINA: UMA ANÁLISE JUNGUIANA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Liliana Liviano Wahba.

Aprovada em:

Prof^a. Dr^a. Liliana Liviano Wahba – PUC-SP

Prof. Dr. Durval Luiz de Faria – PUC-SP

Prof^a . Dr^a . Marion Rauscher Gallbach

*Não é o trabalho, mas o saber trabalhar, que
é o segredo do êxito no trabalho. Saber
trabalhar quer dizer: não fazer um esforço
inútil, persistir no esforço até ao fim, e saber
reconstruir uma orientação quando se
verificou que ela era, ou se tornou errada.*

Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

À Fundação São Paulo e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de estudos concedida que foi de fundamental auxílio na realização desta dissertação.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por toda sua estrutura e pelas pessoas que ali trabalham e nos ajudam cotidianamente: os que estão nas salas de aula, nas secretarias, na biblioteca, nos centros de cópia, nas cantinas, na recepção, na limpeza... Tive a honra de ser uma filha da PUC e agradeço muito por isso.

À minha orientadora Liliana Wahba, pelo carinho e atenção dedicados a mim e ao meu trabalho, ao longo desses dois anos e meio de construção.

Aos professores Durval Faria e Marion Gallbach, pelas ricas contribuições ao meu trabalho.

À minha família e amigos da Bahia, pelo apoio na minha jornada paulistana. Sentir o amor de vocês mesmo a distância foi recompensador e estimulante.

Aos amigos que São Paulo me apresentou que muito enriqueceram a minha vida aqui.

À minha psicóloga, Ana Maria Cordeiro, pelo suporte emocional e também teórico que muito favoreceu a relativa tranquilidade dessa caminhada.

A Helena Carvalho, muito mais que uma revisora de texto. Uma querida.

Aos participantes dessa pesquisa que sollicitamente se prestaram a me ajudar, sem me conhecer e sem nada receber. Muito obrigada!

RESUMO

OLIVEIRA, Ísis Fabiana de Souza. **O significado do trabalho e do não trabalhar na perspectiva masculina:** uma análise junguiana. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.

No Brasil, a carência de pesquisas em psicologia clínica específicas sobre o homem que não trabalha e não tem renda própria torna esse um tema relevante para estudos e reflexões. Utilizando a Psicologia Analítica como fundamentação teórica, o presente trabalho teve por objetivo esclarecer e compreender os significados que o homem que não trabalha e não tem renda própria atribui a si mesmo, à sua situação e às expectativas sociais referentes ao trabalho, bem como elucidar quais seriam os fatores de investimento e/ou desinvestimento no trabalho. Para tanto, buscou-se apreender aspectos subjetivos, utilizando o enfoque qualitativo, com a entrevista de *História de Vida* como instrumento de investigação. A pesquisa foi realizada com quatro participantes residentes no estado de São Paulo e teve como critérios de inclusão que os participantes fossem homens, na faixa etária aproximada de 30 anos, estando sem trabalho remunerado e sem nenhum tipo de renda há, no mínimo, cinco meses, e sendo financeiramente dependentes dos seus familiares ou cônjuges. A análise da narrativa consistiu na definição de temas, subtemas e unidades de significado, característicos de cada discurso, que foram, posteriormente, associados entre si, a partir de ideias centrais, interpretadas e articuladas com a teoria junguiana. Os resultados apontam que a percepção do trabalho revela-se como uma configuração elementar na trajetória de vida. O trabalho pode ter o sentido de uma obrigação constante – uma imposição que perdura – ou se apresentar como um significado em transformação – levando a ressignificações. Destaca-se a afirmação da identidade assim como motivações conscientes e inconscientes associadas ao trabalho. A pesquisa possibilitou, ainda, inferir a existência de complexos decorrentes da vivência do trabalho. O levantamento das experiências subjetivas vinculadas a uma conjuntura cada vez mais presente na sociedade atual aponta para a intensa carga afetiva relacionada ao trabalho. Nesse contexto, o auxílio do psicólogo clínico se faz pertinente.

Palavras-chave: Homem. Trabalho. Complexo do trabalho. Psicologia Analítica.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Ísis Fabiana de Souza. **The meaning of working and not working from the male perspective:** a Jungian analysis. Dissertation (Master in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.

In Brazil, the lack of specific clinical psychology research on men who do not work and do not have their own income makes this a relevant topic for studies and reflections. Using Analytical Psychology as a theoretical basis, the present study aimed at clarifying and understanding the meanings that the man, who does not work, nor has an income of his own, attributes to himself, to his situation and to the social expectations related to working. Another objective was to elucidate which would be, in that case, the existing factors of investment and/or disinvestment in the work. Therefore, the study explored subjective aspects, using the qualitative approach and employing the Life History interview as a research tool. The research included four participants living in the state of São Paulo, Brazil. The inclusion criteria required that the participants be men, in the age group of approximate 30 years, without any paid work nor any type of income for at least five months, and financially dependent on their family members or spouses. The analysis of the narrative consisted in the definition of themes, sub-themes and units of meaning characteristic to each discourse which were later associated with each other, based on central ideas, that were interpreted and articulated with the Jungian theory. The results show that the perception of work is an elementary configuration in the life trajectory. Work may signify a constant obligation – an imposition that endures – or be a meaning in transformation – leading to resignifications. The association between work and identity affirmation – as well as conscious and unconscious motivations – stands out. The research also made it possible to infer the existence of complexes resulting from the work experience. The survey of the subjective experiences linked to an increasingly prevailing conjuncture in the current society points to the intense affective load related to work. In this context, the assistance of the clinical psychologist becomes relevant.

Key words: Man. Work. Work complex. Analytical Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo geral	13
2.2 Objetivos específicos	13
3 REVISÃO DE PESQUISAS	14
4 PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E TRAJETÓRIAS DA VIDA	20
5 O HOMEM E O TRABALHO	28
6 MÉTODO	33
6.1 Características do estudo	33
6.2 Participantes	33
6.3 Instrumentos	34
6.3.1 Questionário de identificação	34
6.3.2 História de Vida	34
6.3.3 Gravador	35
6.4 Procedimentos	35
6.4.1 Local e data	35
6.4.2 Entrevista-piloto	35
6.4.3 Seleção dos participantes	35
6.4.4 Procedimento de intervenção	36
6.4.5 Procedimento ético	37
7 ANÁLISE DE RESULTADOS	39
7.1 Descrição dos participantes	39
7.2 Análise das narrativas	40
7.2.1 Rodrigo, 34 anos	42
7.2.1.1 Análise temática	42
7.2.1.2 Análise de significado	43
7.2.2 Gabriel, 27 anos	45
7.2.2.1 Análise temática	45
7.2.2.2 Análise de significado	45
7.2.3 Lucas, 32 anos	47
7.2.3.1 Análise temática	47
7.2.3.2 Análise de significado	48

7.2.4 Carlos, 39 anos	49
7.2.4.1 <i>Análise temática</i>	49
7.2.4.2 <i>Análise de significado</i>	50
7.3 Síntese das narrativas: ideias centrais	52
8 DISCUSSÃO	53
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	72
APÊNDICE B – Entrevista – Rodrigo, 34 anos	74
APÊNDICE C – Entrevista – Gabriel, 27 anos	78
APÊNDICE D – Entrevista – Lucas, 32 anos	81
APÊNDICE E – Entrevista – Carlos, 39 anos	85

1 INTRODUÇÃO

A proposta de trazer para o campo de pesquisa o homem adulto de classe média/média alta que não trabalha e não tem autonomia financeira baseia-se na observação de algumas das características da pós-modernidade que, cada vez mais, vêm permeando o universo acadêmico e os meios de comunicação, suscitando novas questões e reflexões nos mais diversos campos de saber.

Os meios de comunicação nacionais e internacionais, como O Globo (2012), A Folha de São Paulo (CASTRO, 2010) e El País (TERUEL e AUNIÓ, 2012), trazem o termo “ni-ni”, cunhado na Espanha, para definir os jovens de 15 a 29 anos que *ni estudian, ni trabajan*. Essa denominação foi assimilada no Brasil, para essa mesma categoria, como a “geração nem-nem”, utilizada para todas as classes sociais¹. Temos, ainda, que A Folha de São Paulo (VILLAS BÔAS e VETTORAZZO, 2015) ampliou o termo para “nem, nem, nem” (nem estuda, nem trabalha, nem procura emprego), considerando a mesma faixa etária.

A literatura que trata das peculiaridades do ser adulto leva à constatação da importância do trabalho, profissional ou não, para esse período de vida. Munhoz (2012) postula que, na cultura ocidental atual, a conquista da autonomia emocional e financeira é uma das condições essenciais para se tornar adulto, e a inserção no mercado de trabalho é o caminho fundamental para o alcance desse nível de maturidade. A autora ressalva que o trabalhar não é pré-requisito para receber remuneração ou ter vínculo empregatício, pois o enquadre considerado leva em conta, também, as atividades referentes ao estágio não remunerado, ao trabalho voluntário e ao trabalho autônomo. O não receber pelo trabalho ou o não trabalhar não é pré-requisito para dependência financeira, visto que a pessoa pode viver da renda de uma herança ou usufruir de pensão vitalícia, por exemplo.

Morin (2001) salienta que, para estudar a temática do trabalho, é de extrema relevância que se compreenda também o que as pessoas pensam quando falam sobre o tema. Em uma pesquisa realizada pela autora, cuja pergunta era o que as pessoas fariam se tivessem dinheiro suficiente para não trabalhar, verificou-se que a

¹ O IBGE aponta que, em 2014, 18,5% dos jovens de 15 a 29 anos, no estado de São Paulo, não trabalhavam nem estudavam. Em 2013, a população “nem, nem” brasileira era de 20,3%, sendo a maioria mulheres, com ensino fundamental incompleto e renda familiar de meio salário mínimo.

grande maioria continuaria trabalhando, pois a significação que atribuíam a essa atividade remetia ao sentimento de pertença, de vinculação e de realização de metas e objetivos de vida (MORIN et al., 1997 apud MORIN, 2001). Todavia, de acordo com Albornoz (2002), o trabalho foi considerado de forma negativa, em muitos períodos, sendo atribuído apenas à força escrava e considerado, em algumas culturas, um “castigo divino”. Após o Renascimento, prossegue a autora, o trabalho foi incorporado na rotina e no imaginário social como um meio de alcançar a satisfação pessoal e como uma forma de expressão do homem e da sua personalidade. No campo da psicologia, o trabalho é também tido como um requisito importante para a percepção de si e para o desenvolvimento da personalidade, conforme será apresentado nos capítulos teóricos, com base em autores como Jung (1945/2008), Levinson et al. (1978) e Byington (2008), dentre outros, que situam o trabalho como uma forma de expressão humana e de desenvolvimento da personalidade.

O presente estudo teve como foco o homem financeiramente dependente que não realiza nenhuma atividade de trabalho. Visou ampliar o olhar psicológico sobre o homem nessa situação, uma vez que as teorias e pesquisas levantadas, como a de Munhoz (2012), que será descrita mais adiante, percebem que o homem que vive nessa condição e precisa da ajuda de outrem para a sua subsistência dificilmente alcança a autonomia característica da vida adulta. Na proposta, a escolha pelo gênero masculino se deu em decorrência da observação, na prática clínica e no entorno social, de que o homem, mais do que a mulher, sofre pressões sociais para atingir a independência financeira depois de adulto. Tais expectativas são veiculadas, preponderantemente, pelo discurso daquele que é o provedor financeiro desse indivíduo, o que suscitou o interesse em entender melhor qual a percepção daquele que se encontra na posição de dependência financeira sobre a sua própria situação. Ou seja, quais as representações que o trabalho assume na psicodinâmica do homem contemporâneo que não trabalha e não tem renda.

Considera-se esse um tema de extrema relevância na atualidade, por provocar novas demandas clínicas e suscitar uma série de dúvidas, críticas e reflexões, constituindo um estudo merecedor de atenção, uma vez que há uma escassez de material de pesquisa no Brasil específico sobre esse assunto.

Para subsidiar a compreensão do tema e a análise dos resultados, o capítulo de revisão de pesquisas contempla a temática do tornar-se adulto e da aquisição da

autonomia, e apresenta fundamentação teórica pautada prioritariamente na Psicologia Junguiana, cuja epistemologia simbólica embasa o olhar clínico para o tema aqui proposto. O primeiro capítulo teórico descreve o processo de individuação e a trajetória da vida humana, apresentando as peculiaridades psicológicas inerentes à idade adulta. O segundo, uma leitura contemporânea acerca da dinâmica psicológica do homem, relacionando-a ao conceito de trabalho.

A seguir, apresentam-se os objetivos da pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender os significados que o homem que não trabalha e não tem renda própria atribui a si mesmo e à sua situação

2.2 Objetivos específicos

Esclarecer os significados do homem que não trabalha e não tem renda própria a respeito das expectativas sociais referentes ao trabalho.

Elucidar quais as motivações e fatores de investimento e/ou desinvestimento para trabalhar do homem que não trabalha.

3 REVISÃO DE PESQUISAS

A busca por pesquisas atuais referentes ao tema aqui proposto se deu principalmente nos meios eletrônicos. A Biblioteca Virtual em Saúde – Bireme permitiu o acesso às seguintes bases de dados: Medline, Lilacs, Ciências da Saúde e Ciências Sociais em geral. Foram consultados, também: os periódicos da CAPES; a plataforma de pesquisa *online* da *Web of Science*; os dados estatísticos do IBGE e os catálogos *online* da biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC e da Universidade de São Paulo – USP. Para tanto, foram introduzidas as seguintes palavras-chave, muitas vezes pareadas alternadamente e com seus correlatos em inglês: homem, masculinidade, trabalho, profissão, pós-modernidade, adultez, adultescência, autonomia, maturidade e contemporaneidade. Não foram encontradas pesquisas na linha junguiana que correspondessem ao tema.

A procura por material de pesquisa voltado para o gênero masculino revelou a relativa carência de estudos direcionados a esse grupo, em comparação com as pesquisas que enfocam os temas da mulher, principalmente quando relacionadas a trabalho e vida profissional – como exemplo, podem-se citar as pesquisas de Castro (1992), Galeazzi (2001), Galeazzi et al. (2011) e Gelinski et al. (2004). A maior parte dos estudos apresentados a seguir trazem ambos os gêneros como objeto de análise, mas não deixam de favorecer o entendimento acerca do tema aqui proposto.

Maciel Júnior (2006), em sua tese intitulada “Tornar-se homem: o projeto masculino na perspectiva de gênero”, explica que, somente no final do século XX e a partir da década de 80 aproximadamente, os estudos voltados para um maior entendimento sobre o universo dos homens começaram a surgir de forma mais proeminente. Antes, os assuntos feministas predominavam. Esse autor ainda pontua que, ao fazer a revisão bibliográfica sobre o tema, constatou que a produção de conhecimento para estudos do masculino possuía, na área das Ciências Sociais, um destaque maior do que na Psicologia. O autor objetivou descrever e discutir, por meio da análise de história de vida dos homens entrevistados, como se estruturava o projeto masculino da construção do “eu”. Os participantes foram quatro homens brancos, de classe social média e média alta, com ensino superior. Os participantes apresentaram, em suas narrativas, suas percepções acerca do masculino relacionado, entre outros aspectos, ao senso corporal, às relações afetivas e à

relação com o trabalho, e como essas percepções, muitas vezes inconscientes, influenciaram a construção de suas identidades. Nessa pesquisa, todos os participantes trabalhavam e eram bem-sucedidos na carreira, o que não foi o caso do presente estudo. Contudo, as reflexões trazidas pelo autor sobre o “tornar-se homem” auxiliaram na observação de que o trabalhar, sair da casa dos pais e ser independente fazem parte de um projeto de vida considerado natural por esses homens, correspondendo ao “tornar-se adulto”.

Outro estudo elaborado realizado no mesmo ano, de Silveira e Wagner (2006), enfoca justamente a percepção de quem ainda não seguiu o caminho que leva à inserção no mercado de trabalho, à independência financeira e à saída da casa da família de origem. A pesquisa contou com quatro participantes, dois homens e duas mulheres, entre 27 e 35 anos, de classe socioeconômica média e residentes na casa dos pais, na cidade de Porto Alegre. O objetivo do trabalho foi conhecer como o jovem adulto avalia os aspectos psicológicos e psicossociais relacionados à sua situação. As autoras utilizaram a metodologia qualitativa de estudo de caso coletivo e, como instrumento, a entrevista semiestruturada. A entrevista abordava os aspectos da dinâmica familiar e a avaliação dos participantes quanto ao contexto social no qual estavam inseridos, bem como a seus projetos de vida, motivações e experiências pessoais. As autoras constataram a prevalência do prolongamento das tarefas de transição da adolescência para a vida adulta, considerando o termo “adultescente” apropriado para definir o grupo estudado. Destacaram que todos eles, apesar de apontarem a atual dificuldade de inserção no mercado de trabalho, que exige cada vez mais qualificação profissional, reconheciam também a sua acomodação e falta de iniciativa no enfrentamento dessas dificuldades.

Essa é uma realidade verificada também por Munhoz (2012) na sua dissertação, que teve por objetivo compreender os sentidos e intenções de adultos que permaneciam morando na casa da família de origem. Para tanto, utilizou o método qualitativo e, como instrumento, a entrevista semiestruturada. Sua análise foi baseada nas entrevistas com sete pessoas da classe média e alta da cidade de São Paulo, de 26 a 37 anos, dois homens e cinco mulheres, que trabalhavam, mas não se sentiam ainda economicamente seguros para assumir a sua subsistência e autonomia financeira. Na análise das entrevistas, o autor aponta que, entre as expectativas do que é ser adulto, estão, basicamente, a saída da casa dos pais, projetos e metas de longo prazo, assim como condição econômica suficiente para

arcar plenamente com suas próprias despesas. Os participantes consideram que a possibilidade de suprir o seu sustento deve vir por meio do trabalho remunerado, seja ele concordante com a profissão escolhida no curso de graduação ou não, contanto que os rendimentos auferidos sejam suficientes para cobrir todas as suas necessidades e para que possam se responsabilizar por suas ações. É possível perceber que, no grupo estudado pelo referido pesquisador, também há, como no grupo de Silveira e Wagner (2006), uma dificuldade em assumir a possível diminuição do *status* econômico proporcionado pela família de origem como consequência da busca por autonomia. Tal dificuldade se reflete em acomodação, levando o jovem adulto “adolescentizado” a se distanciar do perfil de adulto amadurecido e autossuficiente.

As expectativas em relação ao que os adultos esperam alcançar por meio do trabalho foram analisadas por Silva, Mendonça e Zanini (2010), em um artigo intitulado “Diferenças de gênero e valores relativos ao trabalho”. As autoras investigaram se homens e mulheres estabeleciam diferentes prioridades laborais, e se essas prioridades eram atendidas em suas experiências de trabalho. Os participantes foram 178 estudantes universitários de uma instituição particular, com idades entre 30 e 46 anos, que possuíam pelo menos cinco anos de tempo médio de serviço laboral. Foi um estudo quantitativo, que utilizou como instrumento a Escala de Valores Relativos ao Trabalho – EVT para obtenção dos dados. Apesar de tratar de adultos remunerados e autossuficientes, a pesquisa é relevante para o presente estudo, uma vez que elucida a valoração, os interesses e as expectativas quanto ao trabalho do grupo masculino que participou do estudo, suscitando a reflexão sobre o que pensam os homens em geral a respeito desse tema, e se tais concepções podem influenciar a postura de não trabalho. Os resultados obtidos por essas autoras indicaram uma diferença considerável na priorização dada por homens e mulheres quanto aos valores de estabilidade e realização com o trabalho. Para as mulheres, as expectativas em relação à atividade profissional seriam de busca do prazer e realização, independência de pensamento, ação e exercício da criatividade. Elas priorizaram, mais do que os homens, além da satisfação com a profissão, uma estabilidade financeira que lhes possibilitasse suprir suas necessidades materiais. Os homens, por sua vez, apresentaram uma tendência para atribuir maior valor às relações sociais positivas estabelecidas por meio do trabalho, ao prestígio, ao poder de influência, à autoridade e ao sucesso profissional. Na análise dos dados, as

autoras ressaltam que o fato de as participantes do referido estudo priorizarem, mais do que os homens, a estabilidade financeira pode estar associado ao crescente papel da mulher, na sociedade atual, como responsáveis únicas pelo próprio sustento ou como provedoras da família.

Outros estudos qualitativos e quantitativos foram encontrados na revisão bibliográfica referentes a mulheres casadas e provedoras únicas da família das camadas médias urbanas, tais como a pesquisa de Fleck e Wagner (2003), de Marri e Wajnman (2007) e de Macêdo (2008), por exemplo. Assim como foi encontrada pesquisa referente ao homem não provedor na família de baixa renda (NASCIMENTO, 2005), mas são referências que não cabem na proposta aqui definida.

Uma pesquisa quantitativa brasileira que relacionou homem e trabalho foi realizada por Eccel e Grisci (2011) e teve como objetivo analisar as perspectivas que 18 pessoas – treze homens e cinco mulheres –, de determinada organização industrial, tinham sobre a masculinidade ideal. A pesquisa teve como recorte os cargos gerenciais, e as técnicas utilizadas foram a observação sistemática, a análise documental e a entrevista em profundidade. As autoras perceberam que, no entendimento desse grupo sobre como um homem deve ser, foi muito valorizada a família segundo um modelo nuclear patriarcal, indicando que a capacidade de prover e sustentar a família seria atributo primário para o homem adulto. Ressaltam, ainda, que essa é a visão prevalente sobre o masculino em um grupo específico, dentro de uma dada empresa, visão essa que não pode ser ampliada para a cultura organizacional como um todo.

É possível perceber, na pesquisa das autoras supracitadas, um olhar restritivo do grupo estudado acerca do papel do homem na sociedade. O indivíduo que diverge desse perfil patriarcal do provedor familiar geralmente é visto de forma preconceituosa, como mostram Harrington et al. (2012) em um estudo sobre os homens que são pais e não trabalham. O objetivo da pesquisa foi aprofundar o entendimento sobre homens que assumiram o papel de pai e cuidador em tempo integral. Alguns dos pré-requisitos para seleção dos participantes foram que os homens deveriam ter tido um mínimo de cinco anos de experiência profissional, antes de se tornarem “donos de casa”, e fossem casados com uma mulher que trabalhasse em tempo integral fora de casa. A maioria dos pais estava nessa função por escolha própria e em comum acordo com as esposas.

A amostra da pesquisa de Harrington et al (2012) foi composta por 31 pais de treze Estados da América do Norte, com idades entre 28 e 48 anos. O método utilizado para recrutamento dos participantes foi o da “bola de neve”. Foram realizadas entrevistas estruturadas individuais com os homens, seguidas de um questionário *online* para as esposas. A sensação de “desmasculinização” e desconforto com a falta de renda própria esteve presente apenas na fala de um participante desempregado, mas não apareceu na dos outros que haviam escolhido essa nova dinâmica de vida. No entanto, foi homogênea a percepção de uma visão preconceituosa da sociedade associada à sua função de pais e donos de casa. Sobre esse ponto, os autores concluíram que o estigma e o isolamento social são maiores para os homens que assumem a condição de não trabalhar e ficar cuidando da casa e dos filhos do que para as mulheres nessa mesma condição.

Tagliamento e Toneli (2010) realizaram, em Porto Alegre, um estudo com tema semelhante ao de Harrington et al. (2012), analisando, por meio de entrevistas semiestruturadas, a prática cotidiana de duas famílias de classe média nas quais o homem não estava trabalhando de forma remunerada e a mulher provia o sustento da família. O objetivo foi verificar e analisar as normas que engendram as práticas cotidianas nessa situação, assim como as subjetividades e masculinidades emergentes. Nos dois casos apresentados, o homem já havia sido o provedor da família, trabalhando muito e ganhando bem, porém, por motivos diversos, perdeu o emprego e sua situação mudou. Em um dos casos, o marido/pai decidiu criar algo novo para lançar no mercado, dedicando-se há dois anos apenas ao seu invento, sem trabalho remunerado, passando a ser visto pela família como preguiçoso e acomodado. Diferente da pesquisa descrita anteriormente, as autoras perceberam, em todos os homens analisados e também na família, o incômodo da transmutação do papel do homem como principal provedor para o de “dono de casa”, sustentado pela esposa. Perceberam, ainda, que o ócio é visto por eles como uma transgressão, uma fuga à norma do trabalhar.

Em resumo, as pesquisas aqui apresentadas apontaram que, para a sociedade atual, tornar-se adulto está intrinsecamente relacionado ao trabalhar e se sustentar, seja para homens ou mulheres. No entanto, a exigência social de autonomia financeira para o homem adulto é maior do que para a mulher adulta. Algumas das pesquisas apontaram o preconceito como uma das consequências para o indivíduo que não se enquadra no perfil do homem adulto que trabalha e tem

autonomia financeira. É possível observar que são diversos os motivos para esse “não enquadre”, como o prolongamento da vida estudantil a fim de obter uma maior qualificação profissional; o desemprego; a falta de motivação e vocação para o trabalho que exerce; a prioridade dada à família e ao lar, mais do que ao trabalho, entre outros. O presente estudo tem semelhança com os estudos de Tagliamento e Toneli (2010) e Harrington et al. (2012), que objetivaram entender a percepção subjetiva dos homens que são pais e “donos de casa” sobre a sua situação. Diferencia-se a pesquisa aqui proposta ao ampliar o foco para englobar os homens que escolheram não trabalhar de forma geral, sejam eles casados ou dependentes dos pais.

4 PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E TRAJETÓRIAS DA VIDA

Devemos ter sempre em mente que nossa vida psíquica varia constantemente, não apenas de acordo com certos impulsos instintivos ou de determinados complexos, mas também em correlação com a idade de cada um. (JUNG, 1945/2008, par. 211)

Considerando o homem em idade adulta como objeto do estudo, faz-se necessária uma breve apresentação teórica acerca das peculiaridades subjetivas e sociais que acompanham os trajetos do desenvolvimento do indivíduo ao longo do seu ciclo de vida. O objetivo deste capítulo é assinalar como cada transição que ocorre na vida da pessoa, desde a infância, influencia a forma como sua personalidade se desenvolve e atua no mundo, especificamente na idade adulta.

De acordo com Staude (1981), não havia, até meados do século XX, uma psicologia do desenvolvimento da personalidade que sistematizasse os ciclos de vida, e, quando surgiu, abordou mais as etapas da infância e da adolescência do que a fase adulta. Levinson et al. (1978) consideram que essa defasagem de estudos voltados para o desenvolvimento adulto foi decorrente da crença social de que, após os 30 anos de idade, só haveria o declínio da vitalidade do indivíduo. Nesse caso, a fase da meia-idade era negativamente considerada. Os autores supracitados apontam Carl G. Jung (1875-1961) como um dos pioneiros no estudo do desenvolvimento adulto, assim como Erik Erikson (1902-1994). Este último contribuiu para o entendimento da fase adulta ao descrever o ciclo da vida como formado por transições geradoras de crises psicossociais que repercutem em toda a trajetória da vida e colaboram para formação da personalidade total (ERIKSON, 1971). Entretanto, a atenção dada por Erikson aos aspectos sociais, considerando-os importantes influenciadores no ciclo vital do indivíduo, não recebe a mesma ênfase na concepção do desenvolvimento da personalidade proposto por Jung, que valorizou mais os aspectos intrapsíquicos.

Jung (1934/2008) postulou ser cada indivíduo um ser único, com características particulares, mas cuja personalidade também é composta por aspectos coletivos. Para Jung (1916/2011), tais aspectos da psique corresponderiam ao conceito biológico de *pattern of behavior* e seriam disposições inconscientes, às quais denominou arquétipos, que se apresentam à consciência na forma de imagens ou símbolos. Invariavelmente, a influência instintiva e arquetípica impõe certos

limites ao livre arbítrio humano, organizando e dando sentido às experiências individuais a partir de determinados temas e processos. O desenvolvimento da personalidade seria, dessa forma, arquetipicamente orientado e, diante de circunstâncias favoráveis, percorreria etapas² que levariam à ampliação da consciência e contribuiriam para a realização plena do indivíduo. Dito de outro modo, a dinâmica do desenvolvimento humano levaria à atualização de potenciais em razão de uma mais ampla coordenação entre ego e Self – construto indimensionável que “designa o âmbito total de todos os fenômenos psíquicos no homem” (JUNG, 1916/2011, par. 902). A esse processo de realização de si, Jung (op. cit.) chamou de “individuação”, movimento que levaria o ser humano a tornar-se um *individuum* psicológico, uma unidade plena e indivisível. O autor ressalta que a individuação se refere não apenas à integração de conteúdos inconscientes com potencial para se tornarem conscientes na psique individual, mas se relaciona, também, a processos psíquicos inconscientes e imprevisíveis que continuarão atuando de forma autônoma com relação à consciência. Indivduar-se também implica que o homem se relacionará de maneira mais plena com o Outro, a natureza e o Universo, afirmando o autor supracitado que “a individuação não exclui o mundo; pelo contrário, o engloba” (JUNG, op. cit., par. 430).

Percebe-se que a abordagem junguiana busca favorecer a adaptação do indivíduo às peculiaridades da vida humana, conforme pontua Jung (1945/2008, par. 172), “O homem deve ser levado a adaptar-se em dois sentidos diferentes: tanto à vida exterior – família, profissão, sociedade – quanto às exigências vitais de sua própria natureza”. Tal consideração se opõe à crítica comumente dirigida ao pensamento junguiano no que se refere à prioridade dada por Jung à relação da pessoa consigo mesma, com suas imagens interiores, em detrimento do mundo e dos outros à sua volta. Ainda segundo o autor, as influências na trajetória da vida humana provenientes do inconsciente manifestam-se na consciência, de modo a influenciar a interação com o meio e a sua transformação.

²Cabe ressaltar que a utilização dos termos etapas, fases e períodos na descrição do ciclo vital são trazidos como sinônimos pelos autores referenciados no presente capítulo, todavia não significando delimitações estratificadas, categorias fechadas em si mesmas, mas trajetos que se inter cruzam de forma dinâmica em correspondência constante. Serão mantidas as terminologias destacadas pelos diversos autores.

Na concepção junguiana clássica, o inconsciente é o substrato da consciência. Essa, por sua vez, amplia-se de acordo com as etapas de um ciclo que se divide em primeira e segunda metade da vida. O inconsciente, de outro lado, é considerado por Jung (1939/2008, par. 498) como uma realidade *in potentia*, o que leva o autor a afirmar que “o pensamento que pensaremos, a ação que realizaremos e mesmo o destino de que amanhã nos lamentaremos já estão inconscientes no hoje”. Essa pode parecer uma conceituação determinista da teoria junguiana acerca da relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo. No entanto, ao postular o inconsciente como uma realidade psíquica cujos conteúdos possuem o potencial para se manifestarem na consciência, a ênfase está mais colocada nas possibilidades do que no caráter fatalista. Além da concepção clássica, Samuels (2008) descreve duas outras escolas do pensamento junguiano, a Arquetípica e a Desenvolvimentista. Na primeira, todo o trabalho com a psique humana, seja no processo terapêutico, seja na relação do indivíduo consigo mesmo ou com o mundo, está centrado nas imagens provenientes do inconsciente e manifestas nos sonhos, na arte e na imaginação ativa. Na linha junguiana Desenvolvimentista, o foco está nos processos psíquicos que ocorrem na infância e sua repercussão na personalidade adulta. O autor pontua que, na atualidade, o psicólogo clínico emprega fundamentos das três abordagens.

Outra linha de pensamento é a Psicologia Simbólica Junguiana, proposta por Carlos Byington (2008), que considera todas as vivências e os fenômenos psíquicos como símbolos com funções psíquicas estruturantes. A elaboração dos significados veiculados por tais símbolos estrutura a consciência e é um processo coordenado por arquétipos regidos pelo Arquétipo Central (BYINGTON, op. cit.). No presente trabalho, deu-se destaque à concepção clássica da teoria junguiana, levando em consideração algumas atualizações dos autores pós-junguianos, como a supracitada Psicologia Simbólica, relativos aos conceitos postulados de Jung na descrição do ciclo vital.

Stein (2006) explicita que a primeira metade da vida tem como objetivo principal o desenvolvimento do ego e da persona – a forma como a pessoa se apresenta no mundo –, em um projeto de maturação individual voltado para a adaptação ao meio sociocultural e para o desempenho das responsabilidades da vida adulta. A segunda metade seria o momento em que a energia antes projetada para as construções na vida externa volta-se, em parte, para o mundo interno,

intensificando a relação do ego com o inconsciente, em um reconhecimento mais profundo e consciente da personalidade como um todo. Outros autores junguianos, baseados em Fordham (2001), destacaram que o processo de individuação é contínuo, ocorrendo desde o início da vida da pessoa, não se restringindo apenas à segunda metade da vida, como postulou Jung, de forma que a separação do ciclo vital em primeira e segunda metade não corresponde aos conceitos mais atuais a respeito do desenvolvimento do indivíduo. Entretanto, é mantida entre os pós-junguianos a concepção de desenvolvimento como uma jornada dinâmica, em que cada etapa traz em si o que foi vivido na anterior, correspondendo a uma ampliação do conhecimento de si mesmo. Observa-se essa visão também em Jung (1916/2011), quando ele conceitua o conhecimento como uma nova percepção a respeito de um contexto já existente, afirmando ser impossível conhecer um conteúdo que não esteja conectado a algum outro.

A Psicologia Simbólica Junguiana (BYINGTON, 2008, 2013) apresenta uma estruturação do ciclo vital que corrobora o preceito da intercomunicação entre as etapas da vida, considerando que as influências intra e extrapsíquicas dominantes em uma etapa podem se manifestar em etapas posteriores. Em sua teoria, o autor percebe o relacionamento entre sujeito e objeto, entre o Ego e o Outro, como intermediado por representações simbólicas com funções estruturantes específicas. A partir da elaboração desses símbolos pelo campo consciente, significados são gerados e a consciência é ampliada. Byington (2008) concorda com Fordham (2001), ao entender o processo de individuação como iniciado desde a vida intrauterina. A identidade e a consciência seriam formadas gradativamente, em um processo intermediado por quatro arquétipos regentes: o arquétipo Matriarcal, o Patriarcal, o arquétipo da Alteridade e o arquétipo da Totalidade. Cada um desses arquétipos se expressaria simbolicamente, na consciência, em determinadas posições da polaridade Ego-Outro, ao longo do desenvolvimento da personalidade, compondo sete etapas arquetípicas da vida que se desenrolariam desde o momento da concepção até a morte (BYINGTON, 2013).

A fase adulta, foco do presente trabalho, é definida por Byington (2013) como a quinta etapa arquetípica da vida, que corresponde à faixa etária dos 20 aos 40 anos e cujos objetivos são a realização profissional, o casamento e a constituição da família. A fase adulta é posterior à adolescência (dos 12 aos 20), sendo regida, prioritariamente, pelos arquétipos da anima e do animus, da alteridade e do herói, e

estimulando a saída do jovem de uma posição passiva para uma mais ativa. Dessa maneira, de acordo com o autor, a quinta etapa corresponde a uma atuação do indivíduo mais efetiva do que aquela que foi ativada arquetipicamente na etapa anterior. Vale destacar a observação positiva que Byington (2013) faz do prolongamento da adolescência na sociedade pós-moderna, considerando que, ao ser dada maior relevância à crise da adolescência pelo self cultural, houve, como consequência, o adiamento do casamento e da criação dos filhos, o que propicia, ao jovem, a possibilidade de investir seu tempo no maior aprimoramento profissional.

A importância atribuída por Byington (op. cit.) ao período de crise na adolescência tem similaridade com as postulações de Erikson e Jung que percebem as crises enfrentadas na vida como propulsoras do desenvolvimento. Jung (1916/2011) refere-se a tais crises como “problemas”. Para ele, a saída de um psiquismo mais instintivo e inconsciente ocorre por meio de processos psíquicos geradores de conflitos, reflexões, dúvidas e experimentos que conduzem à ampliação da consciência. Ou seja, os problemas atuam como força motriz para o desprendimento psíquico do “paraíso de nossa infantilidade inconsciente” (JUNG, op. cit., par. 751). Jung considera que, na infância e na velhice, a imersão no universo inconsciente é maior do que nas fases intermediárias, não havendo, nesses períodos, problemas de ordem consciente, o que justifica seu enfoque na fase adulta. A meia-idade, para o autor, inicia-se entre os 35 a 40 anos, época em que tem início a segunda metade da vida. Antes disso, na primeira metade, a energia psíquica do indivíduo está mais voltada para as realizações externas e para o fortalecimento do ego, da sua identidade – é um período em que, conforme salienta Jung, as exigências da vida, no âmbito profissional, social, conjugal, dentre outros, são mais prementes e o indivíduo tem que enfrenta-las, abandonando o estado infantil e despreocupado.

Apesar de a individuação ser considerada decorrente de um impulso natural e instintivo, é possível percorrer uma dada etapa de forma mais lenta. Em outras palavras, é como se a pessoa se “acomodasse”, permanecendo mais do que seria o necessário em um determinado estágio, o que culminaria em uma conscientização mais limitada sobre si mesma. Os motivos para essa acomodação são diversos, podendo ter relação tanto com uma estruturação egóica insuficiente para abarcar as demandas do inconsciente, como com um conflito entre a realização da personalidade e os valores e conjunturas da sociedade em que o indivíduo se

insere. Levinson et al. (1978) ressaltam a visão de Jung de que, mesmo no desenvolvimento adulto normal, o indivíduo se encontra repleto de conflitos emocionais originados na infância e é constantemente pressionado a corresponder às demandas da família, do trabalho e da comunidade. Jung (1916/2011) afirma serem inúmeros os “falsos pressupostos” que o indivíduo em transição para a vida adulta pode desenvolver, ideias que não correspondem à realidade, como um negativismo ou otimismo exacerbado, ou um exagero nas expectativas, por exemplo. No entanto, o referido autor aponta que conflitos subjetivos decorrentes de fragilidades no equilíbrio psíquico, que não tenham necessariamente surgido em contraposição à realidade, podem, de igual maneira, ocasionar problemas conscientes e dificultar a passagem para vida adulta. De forma geral, de acordo com Jung (1916/2011), está sempre presente certa resistência aos estímulos intra e extrapsíquicos que impelem à atuação no mundo e à saída do estado infantil da consciência. O autor se refere a tal resistência pelo termo físico “inércia da matéria”, significando a persistência no estado anterior.

A tendência à permanência em um estado infantil da consciência, com suas resistências e fixações, é entendida por Byington (2008) como proveniente da interrelação, presente em todo o desenvolvimento da personalidade, entre o arquétipo da criança e o arquétipo central. Jung (1940/2008) trata dos aspectos do arquétipo da criança relacionando-o, de um lado, às possibilidades futuras, à criatividade e ao potencial para a individuação e, de outro, à impotência, ao abandono e ao desamparo infantil, que podem se constituir em dificuldades para o alcance da autorrealização, da totalidade da psique. Sob essa perspectiva, Byington (2008) destaca a importância, para o ciclo vital, dos aspectos de desamparo e dependência do arquétipo da criança, visto que esses estão relacionados ao binômio apego-desapego da polaridade Ego-Outro, presente em toda experiência inovadora da vida. A superação da dependência e da tendência à “inércia da matéria” mencionada anteriormente requer sacrifício e abandono da posição passiva e despreocupada da infância e maior conexão com o caráter futuro do arquétipo da criança. Conforme expõe Jung (1940/2008, par. 287), “‘Criança’ significa algo que se desenvolve rumo à autonomia. Ela não pode *tornar-se* sem desligar-se da origem: o abandono é pois uma condição necessária” (itálico do autor).

O indivíduo que, no desenvolvimento de sua personalidade, encontra-se mais identificado com os aspectos de passividade e dependência do arquétipo da criança,

também conhecido como o arquétipo do *puer*, possivelmente terá dificuldades no enfrentamento dos “problemas” e conflitos descritos anteriormente como inerentes ao processo de ampliação da consciência. O desprendimento psíquico de um estado passivo e dependente para outro mais ativo e autônomo corresponde às exigências da vida adulta de inserção em uma atividade profissional, independência financeira, saída da casa dos pais, estabelecimento de uma relação conjugal, dentre outros aspectos.

Outros autores a explicitar o processo de transição do jovem para a vida adulta com suas correspondentes crises, conflitos e possíveis resistências foram Daniel Levinson et al. (1978), influenciados pela concepção de Jung das etapas relacionadas ao processo de individuação. Levinson e seus colaboradores (op. cit.) conceituam a trajetória da vida humana dividida em períodos interligados entre si, com duração aproximada de vinte e cinco anos, de forma que um tem início enquanto o outro ainda está em curso. Vale lembrar – como apontado neste capítulo – que, na atualidade, o conceito vigente é de trajetória e processo de vida, e não de períodos e etapas como descrevem os autores. No entanto, em nome da fidelidade ao texto original, serão mantidas as denominações ali utilizadas.

De acordo com suas análises, o período adulto, de modo geral, vai dos 17 aos 45 anos. O presente estudo se concentra no período adulto, pontuado pelos autores supracitados como o mais dramático, visto que abarca o vigor biológico e mental dos 20 anos e a percepção de que esse vigor não é mais o mesmo com a proximidade dos 40 anos. Para Levinson et al. (op. cit.), essa é uma fase em que o indivíduo busca estabelecer o seu espaço na sociedade, assumindo uma posição mais consistente no que se refere a trabalho, família e comunidade. Ou seja, é o momento em que a energia da pessoa está mais voltada para as experiências externas e para a construção da persona, momento esse coerente com a descrição de Jung, mencionada anteriormente, acerca da primeira metade da vida.

É possível perceber que a maturação biopsicossocial do indivíduo está relacionada ao processo de estruturação egóica e à ampliação da consciência – a respeito de si mesmo e do mundo – a partir das crises e conflitos enfrentados ao longo das diferentes transições do ciclo de vida. Assim como foi observado em algumas pesquisas apresentadas anteriormente, as teorias do desenvolvimento descritas acima também apontam a relação do indivíduo com o trabalho, em

conjunto com a sua relação com a família e a comunidade, como um elemento importante para a estruturação na fase adulta.

No próximo capítulo serão abordados o conceito de trabalho e suas implicações na psicodinâmica masculina.

5 O HOMEM E O TRABALHO

E disse em seguida ao homem: ‘Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por sua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida [...]. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado [...].’ (BÍBLIA, Gênesis, 3 cap., ver. 17-19).

No Antigo Testamento, o trabalho é apresentado como punição divina à transgressão cometida por Adão e Eva ao comer o fruto proibido, a maçã do conhecimento (BÍBLIA, 2016). O sentido biblicamente atribuído ao trabalho como um castigo pode ser, nos dias atuais, compreendido como representando a saída da infância para as responsabilidades da vida adulta. Ou seja, ampliar a consciência sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o universo ao redor é retirar o ego de um estado paradisíaco, ausente de esforços, conflitos e desafios, para outro no qual a manutenção da sobrevivência está repleta de dificuldades e provações.

Etimologicamente, conforme elucida Albornoz (2002), a palavra trabalho deriva do latim *tripiliare*, *tripalium*, e traz a conotação de esforço e castigo, uma vez que, em sua origem, significa tanto uma ferramenta para capinar o trigo como para torturar escravos. O breve histórico apresentado pela referida autora dá conta que, nos primórdios do cristianismo, era atribuído ao trabalho não só o conceito de punição como também a ideia de atividade necessária à fuga de pensamentos pecaminosos suscitados pelo ócio; não era digno por si mesmo, por ser característico do mundo mortal e imperfeito. O luteranismo, embora mantendo a crença de que o trabalho é castigo de Deus, considera-o também como um exercício valoroso para manter a proximidade com o divino, estabelecendo-o como o fundamento da vida humana. No Renascimento, o trabalho se torna um meio de expressão da personalidade, um estímulo para o desenvolvimento humano, que empodera o indivíduo por torná-lo criador e realizador de qualquer coisa por sua própria vontade.

Assim, conforme elucida Estelle Morin (2001), começa a emergir a visão de trabalho como fonte de autonomia, no sentido de proporcionar liberdade e independência à pessoa para realizar suas tarefas à sua maneira, favorecendo as relações humanas e o convívio em sociedade. De acordo com a autora, atualmente, o denominador comum nas variadas definições de trabalho é considerá-lo como uma

atividade que designa um gasto energético objetivando a produção de algo útil. Seria uma atividade que acarreta a responsabilidade tanto pelo processo de realização da tarefa como pelo objetivo alcançado por meio dela. A responsabilização com o trabalho leva o indivíduo a realizar constantes processos de autodescrição e autoavaliação que, segundo Soares e Costa (2011), possibilitam a reconfiguração da percepção que a pessoa tem de si mesma e do seu ambiente. Desse modo, o trabalho é caracterizado como uma das principais fontes de significados da vida humana.

Também compreendendo o trabalho como uma rede complexa de significações para o indivíduo, Barcellos (2012, p.13) entende essa “rede” como abrangendo significados que incluem “autoestima, produtividade, encaixe social, noções importantes de dignidade, de sentido de existência” e, sobretudo, a satisfação de poder acessar os bens de consumo percebidos na contemporaneidade como indicativos de bem-estar. Analisando os termos “tempo de trabalho” e “tempo livre”, o autor considera que o trabalho hoje não se relaciona com o lazer e o prazer, visto que não é possível ser “livre” ao mesmo tempo em que se trabalha. Tal condição levaria ao afastamento da natureza interna e a um problema que precede a atividade em si, um problema na imaginação do trabalho, nas fantasias arquetípicas que o permeiam. Essas fantasias podem ser, por exemplo, de luta, vitória, justiça, angústia, tempo, vaidade, trapaça ou diversão, as quais, de acordo com o autor, interferem direta e inconscientemente na forma como as atividades denominadas trabalho são experimentadas ao longo da vida.

Para Hillman (1989), o trabalho foi o propulsor da civilização humana, e, portanto, é algo instintivo que pode se tornar patológico tanto quanto o instinto sexual, de nutrição e de defesa, por exemplo. O autor acredita que, ao ser atribuída uma ética do trabalho, essa atividade foi moralizada e problematizada, tornando-se uma obrigação e não um prazer. Nas palavras do autor,

Precisamos falar do instinto do trabalho, não da ética do trabalho; em vez de situar o trabalho com o superego, precisamos imaginá-lo como uma atividade do id, como uma fermentação, algo que ocorre instintivamente, de maneira autônoma (HILLMAN, 1989, p. 169).

Na visão de Hillman (1989), por ter um componente instintivo, a função do trabalho é ser um fim em si mesmo, trazendo como sua própria gratificação o prazer pelo simples fazer das mãos e aproveitamento da mente. Nesse sentido, pode-se dizer que o autor traz um ponto de vista controverso e, de certa forma, determinista ao considerar que o trabalho, na qualidade de instinto, não comporta as fantasias de ganho material ou de obrigação social, pois elas podem bloquear a atualização desse instinto, tornando-o deficiente. Em suas palavras, “se o senex ganha, o puer gasta; se o senex trabalha, o puer brinca” (HILLMAN, op. cit., p. 178).

Maffesoli (2012) concorda com Hillman, ao apontar como figura característica da pós-modernidade o adulto racional, produtivo, compenetrado e reprodutor, que dá prevalência ao trabalho e ao contrato social, em uma representação demasiada apolínea ou prometeica. Por outro lado, considera que, ao se atingir o ponto de saturação dessa imagem, seu oposto é ativado de forma extremada – entram em ação, então, as figuras de Dionísio e do *puer*, irracional, incerto, irresponsável.

Especificando para o gênero masculino as considerações de Maffesoli e Hillman sobre o trabalho que segue a ética senex, na pós-modernidade, Tacey (1997) afirma que muitos homens atribuíram ao trabalho um campo de intenso e permanente teste de masculinidade e de autovalidação. Para o autor, existe uma competitividade que encoraja o indivíduo a querer sempre mais e, quando essa escalada está fusionada a uma tentativa de validação própria, haverá dificuldade no alcance do objetivo, visto que o desenvolvimento da carreira é assumido como o único meio de desenvolver a própria autenticidade e a identidade masculina.

Sobre esse ponto, Hollis (2008) também considera que a carência de ritos de passagem na sociedade atual suscita a necessidade de medidas de provação da masculinidade que pode ocorrer por meio da competição entre os homens e do anseio por uma produtividade constante. Ambos os autores apontam os ritos de passagem como essenciais para a transição da infância para a vida adulta e, no caso dos homens, também para a apropriação de aspectos masculinos, de forma a não precisar comprová-los constantemente na sua atuação no mundo. Hollis (2008) considera que o homem atual possui uma “sombra saturnina”³, ou seja, possui em

³ Na mitologia greco-romana, Crono-Saturno substituiu o pai Urano, que não permitia que Gaia desse à luz seus filhos, tornando-se um opressor de igual magnitude ao engolir os filhos por temer o potencial deles (HOLLIS, 2008).

sua psique uma força masculina devoradora que dificulta o alcance dos seus potenciais, suscitando a necessidade de constante autoafirmação.

Vale ressaltar que, apesar da mencionada carência dos ritos de passagem na sociedade atual, os processos de transição intrapsíquicos continuam ocorrendo ao longo de toda a trajetória de vida, conforme visto no capítulo anterior. Dado que esta pesquisa concentrará sua análise em homens de 27 a 39 anos, cabe uma explanação mais detalhada sobre a fase adulta do homem, segundo Levinson et al. (1978), especificamente no que se refere aos períodos que esses autores denominam de Transição dos Trinta Anos, Estabelecimento (na vida adulta) e Transição da Meia Idade.

A primeira se trata de uma fase que ocorre aproximadamente entre os 28 e 34 anos que, segundo os autores, marca um período de questionamentos e escolhas que, invariavelmente, suscitarão mudanças na estrutura da vida que o jovem adulto levava até então. A Transição dos Trinta Anos conduz à fase de Estabelecimento, iniciada aos 32, 33 anos, e que promove, no homem, um forte senso de responsabilidade e de dedicação aos componentes que estruturam a sua vida, como trabalho, família, comunidade e amizades. Conforme explicam Levinson et al. (op. cit., p. 140), “o período de Estabelecimento é o momento para o homem realizar o seu sonho, perseguir suas ambições e se tornar o herói no cenário do início da idade adulta”. Prosseguindo no estudo dos referidos autores, eles constataam que, a partir dos 36, 37 anos, ainda na fase do Estabelecimento, o homem inicia o processo que os autores chamam de “tornar-se dono de si”, no qual ele deseja ser mais independente e menos vulnerável às pressões dos outros. No entanto, está presente também o desejo de afirmação social, fazendo com que as referidas pressões e influências externas, somadas aos seus próprios conflitos internos, possam ainda interferir nos seus objetivos.

Quanto à Transição da Meia Idade, tem início entre 38 e 43 anos e, como em toda transição, os questionamentos e reavaliações na estrutura da vida se fazem presentes, muitas vezes de forma angustiante e desafiadora. A primeira etapa dessa fase, de acordo com Levinson et al. (op. cit.), é finalizar o ciclo da adultez jovem com reflexões sobre a própria atuação até então; a segunda etapa consiste em modificar os elementos negativos identificados na fase anterior e testar novas escolhas. Em relação à terceira etapa, os autores trazem o conceito de processo de individuação de Jung, referido no capítulo anterior, afirmando que o homem agora terá que se

defrontar com as polaridades emergentes da psique, nessa transição para a segunda metade da vida. Hollis (2008) explica essa polaridade como a crescente divisão ocorrida na meia idade entre a personalidade que se estruturou até então e o que ele denomina de “eu natural”. Para esse autor, o maior medo que os homens trazem dentro de si não é o medo da morte, “mas sim o medo de não haver vivido de verdade a sua vida” (HOLLIS, 2008, p.168).

Apesar de não se considerar, no presente estudo, o conceito de etapas sequencialmente ordenadas, nem postular que o processo de individuação apenas ocorre a partir de uma determinada idade, entende-se que a proposta dos autores acima relacionados é útil como modelo de reflexão que ajuda a compreender momentos e situações vivenciadas pelo homem em percurso de desenvolvimento.

Pode-se dizer que o trabalho é um componente importante de expressão da subjetividade do homem, visto que representa sua atuação concreta no mundo. É também por meio do trabalho que o homem se reconhece e amplia sua rede de interações sociais. O trabalho representa o aspecto tangível de sua participação no mundo e oferece subsídios importantes para a reflexão sobre si mesmo e sobre sua trajetória de vida. A forma como o homem realiza o trabalho pode ser representativa do momento em que se encontra, seja na transição do jovem para as responsabilidades da vida adulta, ou no empenho para se estabelecer como adulto ou na reavaliação do que construiu e do que pretende fazer com a experiência adquirida. Como foi visto na explanação acima, o trabalho, na jornada do homem, pode ser vivido conscientemente de forma dolorosa ou satisfatória, ou até mesmo de modo pouco consistente e vago. No entanto, no âmbito intrapsíquico, ele é sempre vivida de forma intensa e relevante para o desenvolvimento da personalidade. Essas características serão exemplificadas, a seguir, na análise da trajetória de vida de homens que não trabalham e não têm renda própria. Em cada um dos casos, serão apresentadas as peculiaridades da vivência em relação ao trabalho. A Discussão que se seguirá tem como finalidade relacionar os aspectos levantados aos pressupostos teóricos aqui apresentados.

6 MÉTODO

6.1 Características do estudo

Visando apreender aspectos subjetivos do objeto estudado, foi utilizado o enfoque qualitativo, considerado por Sampieri (2006) como uma modalidade de pesquisa que tem a realidade subjetiva como objeto de estudo. Segundo o autor, o estudo qualitativo traz a dupla perspectiva de averiguar os aspectos expressos de forma consciente e explícita, assim como os aspectos não manifestos, subjacentes e inconscientes. Estudos qualitativos não almejam tecer generalizações sobre o que foi apreendido, concentrando-se mais em explorar e descrever o fenômeno por meio de técnicas de pesquisa sensíveis às necessidades que emergem ao longo do estudo. Fraser e Gondim (2004) pontuam que a escolha dos participantes em uma pesquisa qualitativa não deve seguir um critério numérico, uma vez que a finalidade não é quantificar pontos de vista, e sim conhecer e apreender o olhar do indivíduo sobre determinada situação.

6.2 Participantes

Participaram do estudo quatro homens, com idades entre 27 e 39 anos⁴, que estavam sem trabalho remunerado e sem nenhum tipo de renda há, no mínimo, cinco meses e eram financeiramente dependentes dos seus familiares ou cônjuge. A fim de alcançar maior abrangência de participantes e possibilidades de análise, não se considerou, entre os critérios de inclusão, o estado civil.

O não exercício de trabalho remunerado devido a doenças, limitação física e/ou psíquica ou invalidez foi considerado critério de exclusão.

⁴ A delimitação etária se baseou na classificação da OMS que considera em idade madura o indivíduo de 31 a 45 anos. Essa etapa é precedida pela idade adulta jovem, que vai de 15 a 30 anos. O presente estudo não focará em uma única categoria, buscando participantes que estejam no final da idade adulta jovem e início da adultez madura.

6.3 Instrumentos

6.3.1 Questionário de identificação

Questionário com perguntas sobre: idade do participante; escolaridade; profissão; cidade onde nasceu; cidade da atual moradia; com quem mora; estado civil; filhos; interesses de lazer e hobbies.

6.3.2 História de Vida

Silva et al. (2007) descrevem a *História de Vida* como um dos métodos biográficos do estudo qualitativo que objetiva acessar uma realidade que “ultrapassa o narrador” (SILVA et al., 2007, p. 31), compreendendo, por meio da linguagem própria com que o indivíduo narra sua história, o universo no qual ele se insere. Dessa forma, os aspectos subjetivos do narrador se relacionam, simultaneamente, com os fatores sociais e culturais que atuam em seu contexto. As autoras enquadram o referido método no campo das “Abordagens Biográficas”, assim como a História Oral, a Biografia e a Autobiografia, considerando esses métodos como diferentes entre si. Realizada de forma individual, como no estudo aqui proposto, a *História de Vida* é considerada por Fraser e Gondim (2004) como uma modalidade da entrevista em profundidade, também apresentada por Silva et al. (2007) como entrevista não-estruturada.

Tinoco (2004) explica que a *História de Vida*, como instrumento de investigação, pode ser empregada como Total, na qual o indivíduo tece um relato generalizado sobre a sua vida, ou como Temática ou Parcelar, em que o interesse está em extrair da narrativa características específicas da biografia do indivíduo. O instrumento foi utilizado no presente estudo na forma Temática, especificando para o participante o tema do trabalho como foco. O autor supracitado pontua que a *História de Vida* permite a inclusão das chamadas “perguntas de corte”, que visam manter a narrativa do participante direcionada ao objetivo da pesquisa.

6.3.3 Gravador

O gravador foi utilizado durante toda a entrevista, conforme explicitado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo) e autorizado pelos participantes. Utilizou-se o aparelho celular da pesquisadora como gravador por meio de um aplicativo específico para essa função.

6.4 Procedimentos

6.4.1 Local e data

As entrevistas foram realizadas em locais variados, entre os meses de agosto e julho de 2016, priorizando-se a conveniência do participante. Duas entrevistas ocorreram por Skype, uma, em um *shopping center*, e outra, no consultório da pesquisadora.

6.4.2 Entrevista-piloto

Antes de iniciar a seleção dos colaboradores da pesquisa foi realizada uma entrevista-piloto com o objetivo de testar o instrumento *História de Vida*, voltado para a temática do trabalho, tendo como critério único de inclusão ser um participante do sexo masculino. Realizou-se a entrevista com um homem que trabalha e tem autonomia financeira, porém, apesar de essas serem características opostas às requeridas por esta pesquisa, a entrevista realizada contribuiu para a definição de algumas perguntas de corte e para a validação do instrumento como um recurso adequado ao alcance dos objetivos propostos neste estudo. Nessa etapa, seguiu-se o mesmo procedimento ético utilizado para os demais participantes da pesquisa.

6.4.3 Seleção dos participantes

Foi utilizado o procedimento da Bola de Neve (*snowball sampling*), descrito por Baldin e Munhoz (2011) como uma técnica que utiliza cadeias de referência não probabilística, em que uma pessoa identifica outra que se encaixa no perfil da pesquisa e, assim, sucessivamente. Para tanto, foi realizada a divulgação da

pesquisa por meio de anúncios nas redes sociais da Internet (Facebook), por *e-mail*, por telefone (voz e Whatsapp) e pessoalmente, abrangendo a rede de contatos da pesquisadora. O texto para o recrutamento foi o seguinte: “Procuro participantes voluntários para minha pesquisa de mestrado cujo tema é 'trabalho'. Alguns dos critérios de inclusão: homem de aproximadamente 30 a 35 anos que, no momento, não está trabalhando e está sem renda própria. Será uma entrevista individual e anônima. Agradeço a colaboração”.

Foram escolhidos os primeiros participantes que cumpriram os requisitos da pesquisa.

6.4.4 Procedimento de intervenção

Após a indicação e a seleção das pessoas dispostas a participarem da pesquisa, foi estabelecido com elas o primeiro contato por meio de telefone. Nesse momento, formalizou-se o convite para participar do presente estudo. Foram expostos os objetivos, assim como a relevância da pesquisa, e descrito o método de coleta de dados. Salientou-se o anonimato das informações, ressaltando-se, ainda, o livre arbítrio do participante que poderia se retirar da pesquisa a qualquer momento, se assim o desejasse. Nas entrevistas presenciais, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue em duas cópias assinadas pela pesquisadora, que foram lidas e também assinadas pelo participante, antes de iniciar a gravação da entrevista. Nas entrevistas realizadas por Skype, o Termo foi enviado em duas cópias assinadas pela pesquisadora para o e-mail do participante, que os imprimiu, assinou, digitalizou eletronicamente e os reenviou para o e-mail da pesquisadora.

Realizou-se um encontro com cada participante, com duração entre 40 e 60 minutos, no local por ele escolhido e em datas agendadas em comum acordo. A entrevista foi realizada por Skype com dois participantes: um optou por esse meio por residir em outra cidade; e o outro, apesar de residir na cidade de São Paulo, alegou indisponibilidade de tempo para o encontro presencial. Os agendamentos ocorreram por telefone.

No encontro inicial, mais uma vez foram apresentados os objetivos da pesquisa, explicitado o procedimento de intervenção e esclarecido possíveis dúvidas, realizando-se, em seguida, a primeira parte da entrevista relativa à

sidentificação. Após esse procedimento inicial, utilizando o instrumento de *História de Vida* na forma Temática, a pesquisadora iniciou a etapa seguinte com a consigna “Conte-me como foi a vivência do trabalho ao longo da sua vida”, seguida de perguntas de corte que relacionassem a história de vida do participante aos objetivos da pesquisa. Algumas perguntas de corte pré-definidas para as entrevistas foram: “Como você se sente hoje em relação a não trabalhar?”, “Qual o valor que você acredita que o trabalho tem na sua família e entre os seus amigos?”, “Como você se sente com relação à sua situação de dependência financeira?”. As interferências da pesquisadora ocorreram apenas diante da necessidade de um melhor delineamento da narrativa, visto que o propósito do instrumento era manter o relato do participante o mais espontâneo possível.

As informações foram coletadas por meio de gravador de áudio. Ao final da entrevista, explicou-se ao participante que o seu relato gravado seria ouvido exclusivamente pela pesquisadora, solicitando dele a disponibilidade para um novo contato a fim de esclarecer eventuais dúvidas. Todos os entrevistados mostraram-se solícitos, mas não foi necessário um segundo encontro. Foi proposto o encaminhamento terapêutico caso o participante sentisse necessidade, mas não houve esse pedido. Concluiu-se a entrevista com o agradecimento ao participante pelo auxílio voluntário na pesquisa.

A gravação de cada entrevista foi transcrita digitalmente pela pesquisadora. As transcrições são apresentadas parcialmente nos Apêndices B a E.

6.4.5 Procedimento ético

Antes da divulgação da pesquisa para seleção dos participantes, apresentou-se o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para avaliação de sua conformidade com os critérios da Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, com a Resolução CNS/MS 510/2016 e com o Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP. O Projeto foi aprovado e considerado em sua relevância social e na concordância do seu método com os critérios de ética e respeito para com os participantes da pesquisa.

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A), que informava sobre a utilização do gravador nas entrevistas e demais procedimentos, assim como sobre características de sigilo e anonimato dos relatos coletados, em caso ou não de publicação da pesquisa realizada.

7 ANÁLISE DE RESULTADOS

7.1 Descrição dos participantes

Foram entrevistados quatro homens originários do Estado de São Paulo. Dois deles eram casados e com filho(s), e os outros dois, solteiros e sem filhos. Quanto à formação profissional, três eram tecnólogos, nas áreas de gestão financeira, gestão portuária e tecnologia de informática, e um, engenheiro elétrico. O tempo sem exercer trabalho remunerado variou entre cinco meses a um ano, estando apenas um deles nessa situação por escolha própria. Nas descrições que se seguem, os participantes receberam nomes fictícios.

Gabriel, 27 anos, solteiro (namorando), sem filhos, mora com os pais – ambos assalariados – dos quais depende financeiramente. Formado em 2009 como técnico em gestão portuária, nunca trabalhou na área. Está sem trabalho remunerado há um ano, considerando como seu último emprego a função de porteiro em um hospital, posição na qual não foi efetivado após o período de três meses de experiência.

Lucas, 32 anos, solteiro (noivo), sem filhos, mora com a mãe, assalariada e aposentada. Por receberem a pensão do pai falecido há quatro anos, considera-se sustentado financeiramente pelos pais. Tecnólogo em gestão financeira, cursa a graduação em Ciências Econômicas em faculdade particular. Depois de oito meses desempregado devido à falência da empresa em que trabalhava, realizou trabalho temporário como analista de finanças por três meses, estando há cinco meses sem nenhuma atividade remunerada.

Rodrigo, 34 anos, casado, uma filha, técnico de informática, desligou-se do vínculo empregatício a fim de investir em sua microempresa. Sem trabalho remunerado há cinco meses, conta com o suporte financeiro da esposa, que é profissional autônoma.

Carlos, 39 anos, casado, dois filhos, engenheiro elétrico, foi desligado há seis meses do emprego em uma empresa de grande porte que atravessava crise financeira. O salário da esposa constitui atualmente a única fonte de renda da família.

7.2 Análise das narrativas

A primeira etapa para análise foi a transcrição das entrevistas na íntegra. Tais transcrições são aqui apresentadas nos Apêndices B a E, com algumas supressões e destaque em negrito das frases consideradas relevantes para o melhor entendimento das características peculiares a cada participante. A extensão do conteúdo apresentado não é uniforme devido à duração das entrevistas, que não foi comum a todos, variando entre 40 e 60 minutos, e em decorrência das diferenças no ritmo da fala de cada entrevistado. Dados de identificação, locais e nomes das empresas foram omitidos no relato, a fim de preservar o anonimato dos participantes.

Após a leitura livre das entrevistas transcritas, o estudo prosseguiu de acordo com a proposta de análise temática sugerida por Ezzy (2002) de iniciar o trabalho destacando temas e unidades de significados por discurso e, posteriormente, realizar uma interpretação geral. A análise temática é apresentada pelo autor como uma leitura da história como um todo, visando não à interpretação dos fatos, mas dos significados que dão sentido às experiências apresentadas na narrativa. O autor descreve como uma das etapas desse tipo de análise a identificação de segmentos narrativos, aqui denominados de temas gerais, que devem emergir espontaneamente da leitura, ou seja, sem uma determinação conceitual preexistente. Houve, também, na presente pesquisa, a identificação de temas gerais derivados de análise dedutiva de conteúdo, a qual envolve conceitos da teoria utilizada, de forma que os temas gerais foram decupados em um método misto a partir da narrativa espontânea dos participantes e de pressupostos teóricos de conteúdo. Em outras palavras, os temas gerais foram dedutivamente levantados a partir dos pressupostos da pesquisa e também derivados indutivamente das narrativas.

Observando o tema geral de cada discurso, emergiram espontaneamente subtemas que o particularizavam. A partir dos temas gerais e subtemas comuns a todas as narrativas, foi possível identificar como as narrativas se relacionam entre si. Em seguida, unidades de significados extraídas do entrelaçamento de temas foram identificadas e denominadas. Finalmente, tais unidades conduziram a ideias centrais pertinentes à análise das narrativas como um todo, que foram articuladas com os

pressupostos teóricos da Psicologia Analítica e discutidas levando-se em conta objetivos propostos.

Foram levantados os seguintes temas gerais e subtemas com suas respectivas descrições:

- a) *como a sociedade o vê*: consideram-se, nesse agrupamento, opiniões que o participante julga vigentes na sociedade a respeito da situação do homem que não trabalha e não tem renda. Alguns subtemas de destaque: “julgamento da família e da cultura”; “incômodo com o olhar externo”; “não sentir o preconceito”;
- b) *cobrança interna e externa*: considera-se, nesse agrupamento, a noção de pressão para buscar trabalho exercida interna ou externamente. Subtemas: “escolha de carreira e cobrança da sociedade”; “mensuração e avaliação de qualidades”; “precisar casar”; “precisa estar empregado”; “incômodo com a dificuldade”, “motivação para alcance de metas”;
- c) *atitude diante do trabalho*: consideram-se, nesse agrupamento, as atitudes, entendidas como uma disposição⁵ da psique para agir ou reagir de determinada forma. Subtemas: “falta de recompensa”; “modelo dos pais”; “disposição para aprender”; “experiência como incentivo”;
- d) *expectativa de futuro*: consideram-se, nesse agrupamento, as perspectivas vislumbradas para a mudança da situação atual de estar sem trabalho e sem renda. Subtemas: “empenho na busca de trabalho”; “não presentificação da expectativa”; “planejamento de metas”, “viabilidade de expectativas”.

As unidades de significados, por sua vez, são apresentadas ao final de cada análise temática.

⁵ “A disposição [...] consiste sempre em que esteja presente certa constelação subjetiva [...] que determine o agir nesta ou naquela direção prefixada, ou que conceba um estímulo externo desse ou daquele modo predeterminado.” (JUNG 1921/2009, par.768).

7.2.1 Rodrigo, 34 anos

7.2.1.1 *Análise temática*

No discurso de Rodrigo, a *cobrança* está presente como uma pressão externa, atribuída à sociedade e ao sistema capitalista. Refere que a sociedade “cobra” do indivíduo, desde muito jovem, a escolha da carreira, o sistema “cobra” que se tenha renda para adquirir coisas, e a família e a cultura como um todo “cobram” que se trabalhe, a fim de que a personalidade e qualidades individuais possam ser mensuradas e avaliadas.

Com relação a *como a sociedade o vê*, Rodrigo percebe um julgamento crítico da família e das pessoas em geral, endossado pela cultura, por não trabalhar e depender financeiramente da esposa. Entende como uma visão machista “*a priori*” da esposa o incômodo dela pela situação de ser a única provedora do lar, mas pontua que ela “já evoluiu” nesse pensamento ao perceber que os dois atuam em parceria, um ajudando ao outro. Afirma não se abater com o preconceito sofrido e também não compartilhar dessa visão, não percebendo a si mesmo como merecedor de críticas.

No que se refere à *atitude diante do trabalho*, aponta em seu relato já ter enfrentado dificuldades com seus empregadores ao longo da sua jornada profissional, por isso reforça que hoje busca realizar um trabalho em que faça “as coisas sozinho”, “por conta”, sem depender de um chefe. Afirma gostar de trabalhar, mas a falta de recompensa percebida no trabalho o teria levado a sentir-se desestimulado. Diz que, atualmente, procura adotar uma postura mais afirmativa, ampliando o conceito de recompensa pelo trabalho para além do financeiro e contratual. Contudo, ainda não parece ter adotado essa postura, e há indícios de uma atitude defensiva, como será observado mais adiante.

Quanto ao tema *expectativa de futuro*, Rodrigo afirma que exerce, no momento, as atividades necessárias para iniciar o seu novo empreendimento, salientando, conforme será visto na análise de significado da sua narrativa, entender o empenho na busca de um trabalho como um modo de trabalhar, apesar de estar sem renda.

A unidade de significado que pode se depreender desta análise temática é: “a dificuldade de receber recompensa pelo trabalho”.

7.2.1.2 *Análise de significado*

A narrativa de Rodrigo aponta que a vivência da carreira e do trabalho representa para ele uma carga dolorosa, percebida como aprisionamento, como uma obrigação que lhe foi imposta pela família quando era adolescente. Esse histórico pode ter contribuído para algumas das suas dificuldades com relação ao trabalho e para certo grau de ressentimento em relação à família. Na sua concepção, ao começar a trabalhar aos quinze anos de idade, assumiu responsabilidades de adulto que não condiziam com as que, em geral, são exigidas de um jovem nessa idade, e sente que talvez lhe tenha sido demandado mais do que o seu grau de maturidade lhe permitiria vivenciar.

Não foi por vontade própria que iniciou sua vida profissional e, ao que parece, ao longo dos anos permaneceu se relacionando com o trabalho como algo obrigatório, forçado e, por isso, penoso. A sua visão do trabalho levou-o a contestar o “sistema” que, segundo ele, impõe regras consideradas capitalistas. Afirma que a sua postura diante do trabalho variou ao longo dos anos, passando de rebelde, vinculada a “ideologias bastante estranhas”, para outra mais madura e equilibrada, mais consciente de como funciona a dinâmica do trabalho visando à recompensa pelo seu esforço. No entanto, pode-se perceber, em seu discurso, que, em relação ao trabalho, continua insatisfeito e ainda se mostra contestador. Pode-se supor que a imposição familiar para que Rodrigo se tornasse um jovem trabalhador que ajudasse a sustentar o lar tenha sido deslocada para o “sistema capitalista”, que continua lhe impondo regras e o força a trabalhar para adquirir a mencionada recompensa.

Ao buscar o trabalho autônomo, Rodrigo almeja conquistar a liberdade que lhe foi retirada na juventude e busca ressignificar a sua vivência com o trabalho como algo menos rígido e mais prazeroso. Todavia, ainda exhibe uma posição de cunho defensivo contra a dinâmica do trabalho, que o coloca em um “jogo” que ele não consegue jogar. A dificuldade com o “jogo” apareceu desde o início da vida profissional, com a escolha da carreira, quando ele se viu sem foco, sem direção e sem saber lidar com a organização cronológica das suas metas, percebendo o tempo como um inimigo que o pressiona a fazer escolhas a fim de não perder as oportunidades de concorrer no mercado profissional.

Em um trabalho que, na sua descrição, ele desempenhe para si mesmo e independa de empregadores, Rodrigo se propõe a uma nova dinâmica de atuação com o trabalho, mas afirma que não deixa de depender do outro para que o seu serviço seja utilizado e ele seja “recompensado”. Ou seja, é possível que o risco de permanecer desmotivado para o trabalho esteja presente, mesmo na condição de autônomo.

A repetição, no discurso, de frases relacionadas a estar sem renda no momento, seguidas das repetições de “eu trabalho”, aponta provavelmente para uma antecipação defensiva de Rodrigo a possíveis críticas à sua situação atual. Críticas que podem ser provenientes de si mesmo, apesar de afirmar, também repetidamente, não se afetar negativamente com a sua situação de falta de renda e dependência financeira da esposa.

Chama a atenção a falta de uma percepção mais pragmática sobre quem sustenta as suas necessidades de manutenção, não se reconhecendo como uma fonte de despesa para a esposa. Percebe que a família critica e julga as pessoas pelo trabalho que exercem, mas não parece ter uma perspectiva mais realista do que significa se sustentar e adquirir a plena autonomia financeira. Mostra-se empenhado em montar um negócio para não depender de um chefe, mas se mantém dependente do salário da esposa. Ou seja, ao buscar sair da situação, ainda se mantém na dependência.

O relato de Rodrigo pode ser entendido à luz da teoria junguiana dos complexos, atribuindo-lhe o que se pode denominar de complexo de trabalho. Essa leitura justifica-se pela própria definição de complexo, que envolve dificuldades e feridas que ficam cristalizadas e que, nesse participante, podem ser relativas a uma possível frustração ligada à falta de recompensa e à carga sofrida na adolescência, sem que tenha havido uma elaboração suficiente do desapontamento pelo qual ele passou.

7.2.2 Gabriel, 27 anos

7.2.2.1 *Análise temática*

A *cobrança* em Gabriel aparece eminentemente de forma externa, visto que sente a cobrança dos pais e reconhece que lhe falta, “às vezes”, essa cobrança interna também. No que se refere a *como a sociedade o vê*, Gabriel, assim como Rodrigo, reconhece o preconceito relativo à sua situação atual. Todavia, expõe o seu incômodo com o olhar externo ao afirmar que “é chato”, enquanto Rodrigo afirma “ignorar isso”.

Sua *atitude diante do trabalho* considera os pais como exemplo de perfil trabalhador e, com relação às atividades que desempenham, expressa interesse pela atuação da mãe como funcionária administrativa e critica o exercício profissional do pai, que tem uma rotina irregular e exaustiva. Entretanto, apesar do modelo profissional dos pais, ele não parece seguro quanto ao seu perfil como trabalhador e ao que espera de si mesmo nesse campo. Em termos de *expectativa de futuro*, Gabriel almeja passar em um concurso e ter um trabalho promissor, mas parece não investir o suficiente para tornar essa expectativa uma realidade.

A unidade de significado em Gabriel é: “o trabalho como uma perspectiva sem estratégia bem definida”.

7.2.2.2 *Análise de significado*

Percebe-se que o discurso de Gabriel é permeado de lapsos de memória com relação aos cargos profissionais que ocupou e ao nome do curso que planeja fazer, assim como apresenta recorrentemente frases contendo “eu acho”, “não sei exatamente”, “se não me engano”. Parece não se apropriar, na sua fala, do tema trabalho e estudo, tanto em relação a si mesmo quanto em relação a seus pais.

As suas primeiras atividades de trabalho foram encaminhadas pelo pai, o que é comum em jovens da sua idade, fazendo parte também da história de vida dos participantes Carlos e Lucas. No entanto, aparentemente, o trabalho para Gabriel começou em sua vida ao acaso e ao acaso se mantém, como se percebe na falta de consistência na sua fala ao tratar desse assunto assim como no relato da forma

como escolheu a sua formação profissional, indo “no embalo” da atividade portuária comum à sua família, mesmo sem se identificar com esse campo.

Ao falar sobre o seu último emprego, no qual não foi efetivado após o período de experiência, Gabriel conta que esse foi o único local de trabalho em que os colegas não gostaram dele. Chama a atenção que não especifique o cargo que ocupava e nem o que motivou o desagrado em relação à sua pessoa no ambiente de trabalho, sugerindo uma postura de certa forma imatura para um jovem adulto de 27 anos.

Sobre a jornada profissional da mãe, Gabriel relata que ela trabalha desde nova e anseia pela aposentadoria, que está atrasada. Todavia, não acha válido ela reclamar por ter que continuar a trabalhar, ainda que meio período. Tal postura sugere que não percebe plenamente o quanto a mãe já realizou, e ainda realiza, na sua vida laborativa, como se, para ele, o trabalho parecesse algo abstrato.

No que se refere ao trabalho do pai, que exerce uma atividade braçal, exaustiva e sem rotina definida, Gabriel comenta: “Isso não me atrai muito”. Pode-se supor que o modelo do pai não o motivou para o trabalho e o levou a se encaminhar para o oposto dessa imagem e permanecer em uma posição pouco ativa no que se refere ao trabalho. O pai reclama de cansaço e, de fato, Gabriel o percebe sempre nesse estado, complementando que ele “não tem uma vida”.

Parece que Gabriel generalizou a sua visão de trabalho a partir do exemplo do pai, que está sempre exausto e vive apenas para uma atividade desgastante. Desse modo, pode ter internalizado o conceito de trabalho como uma vivência desestimulante, o que o levaria a procrastinar e se distanciar dessa visão por meio de abstrações idealizadas. As idealizações se mostram no discurso ao considerar que poderia ter se tornado jogador de futebol, mas não teve apoio da mãe, e, ainda, ao afirmar que almeja passar num concurso e ter um “salário digno”, sem ter definida claramente a função a que pretende se candidatar e sem estudar de forma apropriada.

Gabriel reconhece que a vontade dos pais de que ele assuma as responsabilidades da vida adulta é maior do que a dele próprio, dizendo que se sente “meio mal” e acha desagradável a sua situação de dependência financeira. Entretanto, complementa que os pais “enchem o saco” dele para que “corra atrás” das suas realizações, sugerindo que seu incômodo mais forte não seria pela situação em que se encontra, mas sim pela cobrança dos pais.

Analisando a narrativa de Gabriel, é possível perceber que a vivência de trabalho para ele é como uma perspectiva, um sonho ainda abstrato e desconectado da vida presente. Em termos psicodinâmicos, parece que o participante ainda não se apropriou plenamente dos encargos da vida adulta, mantendo uma atitude de cunho mais adolescente, sem conexão definida com o tempo presente.

7.2.3 Lucas, 32 anos

7.2.3.1 *Análise temática*

No discurso de Lucas, a *cobrança* aparece como uma pressão externa advinda “das pessoas”, que ele destaca em demasia no seu discurso, e da mãe. Entretanto, afirma que precisa ter autonomia financeira suficiente para casar e começar uma nova vida, não esclarecendo se essa é uma cobrança dos amigos, dos familiares ou da noiva, ou proveniente dele mesmo. Com relação a *como a sociedade o vê*, Lucas afirma que não sente o preconceito dirigido a ele, mas refere que a noiva já sentiu tal preconceito quando esteve em condição semelhante à sua.

Com respeito à *atitude diante do trabalho*, Lucas, assim como Gabriel, teve o exemplo de pais empenhados em suas atividades de trabalho e foi inserido por eles na vida profissional. Contudo, a sua atitude parece ter sido de mais curiosidade e disposição para aprender e se diversificar no campo do trabalho do que a de Gabriel. Apesar de ter foco no objetivo, Lucas não investe energia suficiente para alcançá-lo, deixando de manter o engajamento inicial e diminuindo sua proatividade. Quanto à *expectativa de futuro*, relata ter seu futuro planejado e aparenta ter expectativas definidas, baseadas nas experiências profissionais já vivenciadas. No entanto, seus esforços, que deveriam estar dirigidos a seu futuro profissional, acabam se voltando para atividades atuais que não correspondem aos objetivos traçados.

A unidade de significado característica nesse discurso é: “a interrupção na trajetória do trabalho”.

7.2.3.2 *Análise de significado*

O relato de Lucas, diferentemente daquele do participante anterior, mostra o seu engajamento nas funções de trabalho que desempenhou, descrevendo-as de forma coerente e detalhada. Sabe o que exercia em cada emprego e o que motivou as mudanças de trabalho. Talvez por ter tido uma trajetória profissional na qual percorreu diversos setores e pôde avaliar com qual linha de carreira mais se identifica, Lucas aparenta ter um plano profissional definido a partir de agora. Ou seja, está utilizando a experiência profissional para planejar a sua carreira.

O discurso de Lucas sobre a empresa de alimentos evidencia o valor que ele dava à sua atividade. Ficou desgostoso quando saiu da empresa, porque estava gostando do trabalho e sentia-se envolvido. O período em que ficou sem trabalhar e sem renda, depois que essa empresa fechou, foi o maior de sua vida profissional. Nesse trabalho que era satisfatório, assumido cerca de um ano depois da morte do pai, ele estava bastante entusiasmado em razão da parceria que estabeleceu com sua chefia – que também era o dono da empresa – com quem parece ter se identificado. No entanto, quando essa pessoa abandonou o trabalho e a empresa, Lucas ficou desapontado e estagnou na situação de não trabalhar. Ressentiu-se com o fato de o chefe, que tinha um empreendimento com muito potencial de sucesso, ter posto tudo a perder. Pode-se tecer a hipótese de Lucas ter se sentido abandonado e, talvez por ter perdido recentemente o pai, transferiu para o dono da empresa a figura masculina de apoio e de incentivo (apesar de ambos terem idades semelhantes). Tal ruptura pode ter contribuído de alguma forma para uma frustração não superada e para a acomodação que se seguiu.

Lucas recebeu, então, o incentivo da mãe para retornar aos estudos, o que fez de forma intensa no semestre anterior à entrevista, relatando que aproveitou a situação de desemprego para se dedicar com afinco à faculdade. No entanto, essa dedicação aos estudos se mostra intermitente, visto que agora ele parece estar menos envolvido com os estudos e menos dedicado ao objetivo de passar em concurso, o que ocasiona protestos da mãe aos quais ele se refere como uma cobrança excessiva.

Depreende-se que a mãe, que paga a faculdade, gostaria de vê-lo investindo mais assiduamente, tanto no trabalho quanto nos próprios estudos, e reclama do fato de ele ficar assistindo televisão e sair para “caçar Pokemóns”. Ele parece não

entender a razão dessa cobrança, enfatizando que dinheiro não constitui um problema para eles e que a mãe só trabalha todos os dias por gostar muito da família para a qual trabalha.

Buscar um foco na carreira com base em sua experiência profissional é uma vivência de transição proveitosa, mas o investimento de Lucas aparenta ser intermitente. Parece que o incômodo de estar sem trabalhar é mais atribuído aos outros do que a si próprio. Percebe que a noiva está pressionada, mas ele, menos. As pessoas estão preocupadas, mas ele, não. É desesperador para as pessoas, mas não para ele. Para Lucas, o trabalho é um projeto de futuro, porém, apesar de aparentar ter uma atitude de maior engajamento do que Gabriel, demonstra certa flutuação entre investir e recuar, não sendo constante em termos da energia que investe em seus planos de trabalho.

O episódio da perda do emprego no qual ele estava engajado e motivado suscita uma interpretação clínica hipotética, posto que não houve acompanhamento em profundidade. Lucas parece ressentir-se com o abandono do chefe que “pôs tudo a perder”, o que ocorreu pouco depois da morte do pai. Configura-se, portanto, importante perda de figuras masculinas. Sua condição – e a da família –, usufruindo economicamente de bens de uma classe média, sem deixar, no entanto, de ser “filho da empregada e do funcionário do prédio”, pode suscitar complexos de inferioridade nesse jovem.

Supõe-se, portanto, que o cargo perdido tenha representado uma quebra das expectativas de ascensão social e de validação de uma identidade profissional – por meio da equiparação com o antigo chefe. Tal sentimento de ruptura pode ter ocasionado a regressão à dependência materna.

7.2.4 Carlos, 39 anos

7.2.4.1 *Análise temática*

Carlos, o participante mais velho, é o único dos quatro participantes que prioriza a *cobrança* como uma pressão interna. Refere-se ao incômodo com a dificuldade enfrentada com a nova situação de desemprego e dependência financeira, incômodo esse relacionado à percepção da necessidade de voltar ao trabalho. Relata motivação e busca das metas profissionais estabelecidas desde

jovem relacionadas à aquisição de autonomia e à possibilidade de ser a figura provedora da família. Relata o apoio de seus familiares, nesse momento, e parece considerar tal colaboração fundamental para que se mantenha motivado e otimista, com vistas à superação das circunstâncias em que se encontra.

Sua *atitude diante do trabalho* denota que, apesar de salientar as perdas que a atividade intensa de trabalho lhe trouxe, Carlos não demonstra perante o trabalho a mesma atitude de cunho defensivo de Rodrigo, que percebe o trabalho como algo não recompensador. Ao que parece, reconhece a experiência atual de desemprego como um incentivo para a construção de uma nova atitude, valorizando o já conquistado e aproveitando a possibilidade de recuperar laços afetivos. Apresenta como *expectativa de futuro* receio por entender que é difícil se inserir novamente no mercado de trabalho devido à sua idade e ao objetivo de querer estar próximo da família. Ao mesmo tempo, mantém expectativas positivas de alcance das suas metas.

A unidade de significado percebida em Carlos se refere a: “motivação impulsionadora para a realização das suas atividades profissionais”.

7.2.4.2 *Análise de significado*

O relato de Carlos apresenta o trabalho como uma vivência de transformação de uma posição unilateral, em que trabalhava demasiadamente e não dedicava muito tempo para a família e os amigos, para outra mais abrangente, na qual possa conciliar o ganho financeiro com a proximidade das suas relações afetivas.

A narrativa deixa transparecer que Carlos tem um conceito claro sobre trabalho, que parece ser para ele um valor prioritário. Desde muito jovem trabalhou para ter autonomia, vendo-se como alguém responsável, proativo, provedor. Com o desligamento da empresa, Carlos deixou de ser o homem trabalhador e provedor do lar e se deparou com a condição de desempregado. Relata ter percebido a transição do provedor para o desempregado e sem renda como um fenômeno importante, que lhe permitiu rever valores de proximidade e de afetividade. No entanto, o seu discurso sugere a necessidade de afirmar que isso não constitui um problema.

Ao ser questionado sobre o valor que o trabalho tem para sua família e amigos, Carlos não interpretou corretamente a pergunta, considerando que ela apenas repetia a questão anterior, relativa a como os demais o veem. Esse dado,

somado às afirmações de que o desemprego não é um problema, sugere que ele tem suas preocupações. Ao insistir que a família o vê de forma positiva e valoriza suas qualidades de homem trabalhador, parece querer convencer a pesquisadora, e talvez também a si mesmo, de que a família não pensa mal dele, visto que ele é proativo, inteligente e capaz, apesar de não trabalhar. Chama a atenção o fato de Carlos não ter mencionado os amigos na resposta à pergunta; só destacou como a família o vê. Em relação aos amigos, respondeu apenas que busca “pessoas simples, que queiram amizade verdadeira”, mas não relata a visão deles sobre a sua pessoa. Apesar do discurso afirmativo, parece que há alguma ambivalência, alguma dúvida que, eventualmente, projetaria nos amigos.

Sobre a sua esposa assumir no momento a provisão do lar, Carlos reconhece a sua responsabilidade na divisão dos custos, visto que o salário da esposa está muito aquém do seu salário anterior. Entretanto, afirma que, apesar de estar dependente, não vê sentido nessa denominação, uma vez que, segundo ele, não consome consigo mesmo o suficiente para onerar o orçamento da família. Ou seja, não se inclui como um peso nos gastos da casa e parece se eximir, assim, de se considerar um fardo para a esposa. O modo como Carlos se expressa sugere que ele acredita que a sua situação atual não lhe causa problemas, nem com a mulher, nem com a família, mas é como se, nas entrelinhas, procurasse se justificar. Isso é perceptível inclusive pelo uso do “tá” com entonação interrogativa ao final das frases em negrito (Apêndice E) como que abreviando um “tudo bem?”, “está certo?”, sugerindo que, talvez, ele tenha dúvidas sobre a sua condição atual. Carlos parece buscar uma saída para a situação em que se encontra. Todavia, em seu discurso, ao mesmo tempo em que há uma afirmação de não acomodação, parece haver, também, dúvidas não tão bem explicitadas e que indicariam a existência de um conflito nessa transição.

Carlos relata uma mudança de atitude e de valores diante do trabalho. Considera-se uma pessoa que aprendeu, desde jovem, a trabalhar para ter autonomia, conquistando também valor e prestígio, mas que se afastou da família e dos amigos. Com o desemprego, refere ter encontrado mais relações, mais intimidade com os entes queridos.

Além das justificativas implícitas que sugerem uma atitude defensiva, Carlos afirma estar motivado e procurar, constantemente, não se abater pela situação, o

que sugere, de modo geral, uma tentativa de não criar uma imagem depreciativa de si, nem para ele, nem para os que o cercam.

Comparando narrativas, talvez se possa supor que Rodrigo e Carlos estejam vivendo uma transição em termos daquilo que buscam com o trabalho. Contudo, no primeiro, há indicações de que o trabalho é considerado a vivência de uma obrigação penosa, que no segundo não se nota. Ambos em transição, contudo, com perspectivas diferentes. Para Rodrigo, o trabalho é uma carga pesada e ele almeja uma mudança para um trabalho com mais prazer; todavia, encontrar o prazer pode ser dificultoso, uma vez que ele continua achando que lhe são impostas regras rígidas de atuação. Carlos, por sua vez, está desfrutando dos ganhos do não trabalhar que o fazem almejar uma postura de trabalho menos unilateral, demonstrando, entretanto, ser essa uma passagem que lhe é difícil e incômoda.

Carlos manifesta uma inquietação no discurso subjacente, parecendo desconfortável com o que vivencia no momento. Pode-se supor que esse seria, talvez, um dos motivos para estabelecer um prazo específico para encontrar novo emprego, diferenciando-se dos outros participantes.

7.3 Síntese geral das narrativas: ideias centrais

Retomando à proposta de Ezzy (2002) e a partir dos temas gerais, subtemas e das unidades de significado, chegou-se à formulação de algumas ideias centrais que se vinculam à teoria. Essas podem ser enunciadas como segue:

- a) o trabalho configura-se como trajetória de vida;
- b) o significado do trabalho atrela-se a uma imposição que perdura;
- c) o trabalho constitui uma busca de ressignificações;
- d) o trabalho vincula-se a uma afirmação da identidade.

As ideias centrais acima apontadas constituirão os eixos de discussão apresentados no próximo capítulo.

8 DISCUSSÃO

O presente capítulo tem por objetivo discutir os resultados apresentados anteriormente, com base na revisão crítica da literatura, retomando os pressupostos expostos nos capítulos teóricos e acrescentando novas leituras que abarcam as particularidades derivadas da análise das narrativas.

O debruçar-se sobre os temas da cobrança interna ou externa para que o homem busque uma ocupação, da atitude de cada indivíduo diante do trabalho, de como a sociedade vê esse homem e da expectativa que ele tem de futuro conduziu à percepção de ideias centrais pertinentes aos discursos que favorecem a compreensão dos significados que cada participante atribui ao trabalho, e conseqüentemente, a si mesmo e à sua situação. O capítulo é apresentado em quatro tópicos, cada um correspondente a uma das ideias centrais da análise.

O trabalho configura-se como trajetória de vida

Deve-se esperar que os adultos continuem o processo de crescer e amadurecer, uma vez que eles raramente atingem a maturidade completa. Mas, uma vez que eles tenham encontrado um lugar na sociedade através do trabalho, e tenham talvez se casado ou se estabelecido em algum padrão que seja uma conciliação entre imitar os pais e, desafiadoramente, estabelecer uma identidade pessoal, uma vez que esses desenvolvimentos tenham lugar, pode-se dizer que se iniciou a vida adulta (WINNICOTT, 1983, p. 87).

A percepção da trajetória de vida como um fator significativo para a noção de trabalho surgiu a partir da análise dos discursos dos participantes. Foi possível, assim, capturar a ideia central de como o homem aqui estudado se vê em seu percurso de vida, na sua linha do tempo – considerando presente, passado e futuro – e como relaciona o seu percurso à vivência com o trabalho.

Tecendo um panorama geral dos participantes, em Rodrigo infere-se, a partir da análise do discurso, uma dificuldade de recompensa no trabalho: ainda ressentido com experiências no passado, tem lembranças dolorosas de como foi iniciado ao mundo do trabalho quando adolescente. Na atitude atual perante o trabalho, parece persistir uma dinâmica de projeção defensiva e culpabilização do sistema que o obriga a realizar o que não quer. Gabriel, por sua vez, não apresenta consistência nas experiências de trabalho ao longo da sua trajetória, mantendo-se,

de certa forma, acomodado na situação presente e com uma vaga perspectiva de futuro, de forma que o trabalho se apresenta nele como uma possibilidade sem investimento persistente. Vinculam-se a essa dinâmica de Gabriel as experiências anteriores de trabalhos de cunho temporário, tanto em termos do vínculo empregatício como na flutuação do seu interesse e prazer pela função exercida.

Lucas mostra aprendizado e desenvolvimento com as experiências pregressas no campo do trabalho, mas sua trajetória sofreu uma interrupção e redundou em marcante frustração que afeta o presente. No entanto, ele mantém uma projeção de futuro profissional determinada e bem definida. Carlos, por sua vez, revela ter tido satisfações com o trabalho, o que repercute na perspectiva que tem de realizações futuras e gera uma motivação que o impulsiona na busca de atividades profissionais.

Carlos, o participante mais velho, situa-se, de acordo com Levinson et al. (1978), na “Transição da Meia-Idade”, que se inicia por volta dos 40, quando mudanças significativas tendem a ocorrer na estrutura da vida do homem, especialmente no que diz respeito a aspectos internos. São mudanças de valores pessoais, na forma de perceber o mundo e nas relações sociais, que podem ser expressas conscientemente ou atuar de forma inconsciente.

Em seu discurso, Carlos exprime abertamente uma nova postura que tem levado a uma maior aproximação aos relacionamentos afetivos, preteridos anteriormente em razão da prioridade dada à carreira e à estruturação da vida financeira. Essa mudança na dinâmica de vida, impulsionada tanto pelo movimento de transição característico da idade quanto pelo desemprego, ao mesmo tempo em que apresenta ganhos, também parece lhe ser incômoda. De acordo com os autores supracitados, o incômodo, muitas vezes angustiante para o homem, nessa fase, é característico da reavaliação da vida e de um período em que ilusões e prioridades antigas são questionadas a fim de que outras escolhas, mais adequadas a esse novo estágio da psique, possam ser feitas. Carlos salienta recear que o tempo em que está fora do mercado de trabalho, somado à sua idade, torne mais difícil a sua reinserção na vida profissional, mas observa-se que esse tempo sem trabalhar pode lhe ter sido favorável para a escolha de um novo caminho.

Na história de vida de Carlos, o pai o iniciou no mundo do trabalho desde muito jovem, levando-o para trabalhar como *officeboy* em sua empresa e o incentivando a realizar seu objetivo de autonomia financeira. Essa experiência

parece lhe ter sido útil, uma vez que, a partir daí, evoluiu em sua carreira profissional e, apesar das inquietações próprias da transição da meia idade e da situação de desemprego, não se percebe nele a noção de trabalho como um esforço pouco recompensador, como observado em Rodrigo.

Assim como Carlos, Gabriel foi iniciado pelo pai no mundo do trabalho, mas apesar das experiências profissionais, o participante parece não ter integrado em sua personalidade o perfil trabalhador, dadas a instabilidade e a inconsistência de sua atuação profissional. Segundo Jung (1916/2011), a inserção nas responsabilidades da vida adulta faz parte do desenvolvimento do ego na primeira metade da vida, durante a qual a vivência do trabalho se apresenta como umas das adaptações necessárias para a constituição da personalidade adulta. Nolasco (1995) considera que o trabalho representa, para o homem, o primeiro marco da masculinidade adulta, uma vez que favorece a saída do seio familiar e a inserção em um novo contexto social, no qual responsabilidades são assumidas, conferindo ao homem um status de independência. Desse modo, a pouca proatividade de Gabriel, em sua busca de independência financeira e de saída da casa dos pais, e a vaga conexão com a vivência do trabalho sugerem que esse participante vive uma dinâmica mais adolescente do que adulta.

Lucas também foi, desde jovem, incentivado pela família a trabalhar, começando como *officeboy* e seguindo, a partir daí, uma trajetória estudantil e profissional com a qual teve afinidade, diferentemente de Gabriel. O pai foi funcionário de um prédio durante trinta anos, até falecer, e a mãe, mesmo aposentada, trabalha há trinta e nove anos como empregada doméstica para a mesma família. Ou seja, Lucas tem a referência positiva de pais trabalhadores e, segundo ele, satisfeitos com a ocupação exercida. Talvez isso o tenha motivado na busca por atividades com as quais também se conectasse de forma satisfatória e engajada, até ficar desempregado, após a falência da empresa de alimentos. Situando a sua história na estruturação da trajetória de vida definida por Levinson et al. (1978), Lucas estava iniciando a transição dos trinta anos quando houve essa interrupção, o que pode ter suscitado a crise descrita anteriormente que dificulta, hoje, o seu estabelecimento na vida adulta. Ele parece se manter como um adolescente ainda dependente da mãe, assim como Gabriel ainda depende dos seus pais.

Jung (1924/1999) afirma que o afastamento do conforto intrapsíquico representado pelas figuras parentais é necessário para que o filho se erga à posição de adulto que lhe é reservada. O sacrifício faz parte desse processo, visto que, segundo o autor, esse afastamento é doloroso uma vez que o paraíso da infância é demasiado atraente. Nas palavras de Jung:

[...] o curso natural da vida exige inicialmente do jovem o sacrifício da sua infância e de sua dependência infantil dos pais físicos, para que não permaneça fixado a eles pelo laço do incesto inconsciente, prejudicial para o corpo e alma. (JUNG, 1924/1999, par. 553)

Complementando a explanação do referido autor, Hollis (2008) afirma que o sacrifício, como padrão arquetípico, demanda a abdicação de algo para que um novo elemento seja conquistado. Referindo-se ao sacrifício da dependência infantil em prol da autonomia adulta, o autor pontua que o desejo de permanência em uma vida desprendida de preocupações precisa ser abandonado em favor da autossuficiência e da aceitação das responsabilidades da vida adulta. Ainda segundo o autor, as mudanças suscitadas pelo sacrifício consistem em uma intimação para o crescimento e para a ampliação da consciência, constituindo também uma forma de escolha.

O não envolvimento na mudança em prol do amadurecimento egoico pode suscitar, de acordo com Jung (1916/2011), um relativo recolhimento da energia psíquica, tornando mais lento o desenvolvimento da autoconsciência. As crises e problemas intrínsecos à transição da vida adulta podem decorrer, segundo esse autor, dos falsos pressupostos com que o jovem encara a sua nova realidade, pressupostos esses que podem gerar expectativas exacerbadas ou um negativismo desmotivador, que, em contraponto com a realidade, provocam a resistência do ego. Ainda de acordo com Jung (op. cit.), os complexos e conflitos subjetivos também podem ocasionar a regressão psíquica e a resistência à mudança.

Os momentos de transição ocorrem durante toda a trajetória de vida, suscitando questionamentos, inquietações e a necessidade de escolhas e sacrifícios. O modo como a pessoa enfrenta consciente ou inconscientemente esses processos influencia na constituição da sua personalidade e na sua atuação no mundo. Nesse sentido, o desempenho no campo profissional também sofre essa

influência psicodinâmica, uma vez que o trabalho é uma importante fonte de expressão da psique.

Na análise do relato de Lucas observa-se que, além das peculiaridades da transição dos trinta anos e das resistências do participante a elas, a frustração das expectativas narcísicas de que o antigo emprego poderia modificar sua condição social possivelmente contribua para a dificuldade que experimenta de reinserção no mundo do trabalho. Aventa-se a hipótese de sua resistência caracterizar a constelação de um complexo, aqui concebido como de inferioridade, uma vez que, segundo Jung (1924/1999), a forte tensão afetiva-emocional peculiar ao complexo lhe confere uma carga energética que pode absorver a energia de outros aspectos da psique, limitando a atuação do indivíduo. Dessa forma, é possível que Lucas esteja não apenas paralisado, mas também com uma percepção restrita sobre si mesmo e sua situação.

O significado do trabalho atrela-se a uma imposição que perdura

Barcellos (2012) amplia o significado etimológico de esforço, castigo e cansaço das palavras relacionadas a trabalho apresentado por Albornoz (2002), acrescentando que, com a Revolução Industrial, o trabalho se tornou uma mercadoria em um mundo capitalista que requer produtividade constante. Ou seja, o campo de sofrimento relacionado ao trabalho, para o autor, perduraria ainda hoje, reforçando a cisão entre o trabalho e o lazer/prazer.

Mediante uma interpretação psicodinâmica da narrativa de Rodrigo, percebe-se a presença de um complexo de trabalho correspondente à explanação de Barcellos (2012, p.12), que utiliza esse termo ao refletir que “o complexo do trabalho nos envolve sempre, pulsando muitas vezes com fantasias possivelmente mais trabalhosas, mais complexas e mais inconscientes que as sexuais”. Hillman (1989) afirma que a ênfase dada ao trabalho apenas como uma atividade econômica não considera essa atividade como derivada de um fenômeno da psique, que, segundo ele, teria proximidade ao instinto. Consequentemente, o autor pontua que a psicologia não deu a devida relevância para o potencial de perturbação e patologização que a vivência do trabalho pode produzir na psique. Barcellos (2012) afirma que se pode perceber o problema na “imaginação do trabalho”, e que as fantasias relacionadas a ele fazem parte do imaginário humano, estando presente

nos mitos e contos, como, por exemplo, o da cigarra e a formiga, a foice e o martelo, os “Doze trabalhos de Hércules”, o mito de Prometeu, os trabalhos de Psiquê e o mito de Hefesto, o único deus que trabalha.

Em Rodrigo, pode-se identificar a existência de um complexo ligado ao trabalho, mediante as fantasias arquetípicas de angústia, obrigação, tempo, recompensa, luta, e em razão da menor presença de fantasias relacionadas a prazer, lazer, vitória, liberdade. A fantasia arquetípica relacionada ao tempo aparece no relato de Rodrigo de forma supostamente ressentida, quando ele afirma ter lhe faltado tempo para se dedicar aos estudos que favoreceriam a sua carreira. Parece considerar o tempo como um algoz que exerce pressão para a produção e competitividade, e não para as realizações pessoais. Amplificando simbolicamente o tempo como um inimigo que alimenta o complexo de trabalho em Rodrigo, é possível relacioná-lo com aspectos da figura mitológica de Cronos-Saturno⁶ descrita por Hillman (2008) como a do pai devorador que interdita o desenvolvimento do novo e reprime a espontaneidade. O autor identifica Cronos-Saturno com o *senex*, denominado por ele de Pai Tempo, cuja polaridade é o *puer*, o Jovem Eterno, de forma que o aspecto frio e castrador de Cronos se iguala ao aspecto rígido do *senex* que reprime a vitalidade da psique. Nesse sentido, Rodrigo parece ter se aproximado da faceta enrijecida do *senex* na sua relação com o trabalho, adotando uma postura defensiva diante desse e se distanciando da característica do *puer* que acrescenta fluidez, prazer e inspiração para o novo.

Hollis (2008) considera que as imagens e expectativas que a família e a cultura depositam sobre os homens lhes causam feridas e mágoas, que ele denomina como “sombra Saturnina”. Tal sombra tanto pode desorientar o fluxo da energia vital e promover a raiva, quanto pode impulsionar o indivíduo para o crescimento e a mudança, o que não ocorreu com Rodrigo. Ele parece ter se mantido cristalizado no ressentimento em relação ao que lhe foi imposto pela família e pela cultura na sua experiência com o trabalho.

Santarém (2008) também aponta o mundo do trabalho como um espaço para a expressão da natureza arquetípica das relações, afirmando que Cronos, em seu aspecto tirânico, pode ser representado pelo chefe opressor e abusivo que tolhe a

⁶ Na mitologia greco-romana, Crono-Saturno substituiu o pai Urano, que não permitia que Gaia desse à luz seus filhos, tornando-se um opressor de igual magnitude ao engolir os filhos por lhes temer o potencial (HOLLIS, 2008).

criatividade do empregado. Rodrigo relata o incômodo sofrido durante toda a sua jornada profissional com a posição de dependência de um empregador, denotando conflitos nessa relação, o que pode ser considerado como uma projeção do seu complexo negativo na figura dos chefes, que tolhiam a sua recompensa apesar dos seus esforços. Essa projeção parece ser também direcionada para o sistema capitalista, que ele aparentemente culpa por sua dificuldade de crescimento profissional.

De acordo com Jung (1924/1999), o sacrifício como padrão arquetípico faz parte de todos os processos de transição ao longo da trajetória de vida. Entretanto, quando não é aceito, pode ser prejudicial para a psique. Nas palavras do autor:

O sacrifício não desejado é catastrófico. O *daimon* nos faz cair e nos transforma em traidores de nossos ideais e de nossas melhores convicções, até de nós mesmos, tal como pensávamos conhecer-nos. A situação é outra se o sacrifício é feito voluntariamente. Neste caso ele não significa queda, “inversão de todos os valores”, mas transformação e preservação (JUNG 1924/1999, par. 553).

Considerando a análise da narrativa de Rodrigo, pode-se perceber que a imposição familiar para que se iniciasse no mundo do trabalho foi para ele um sacrifício não desejado, não favorecendo a transformação e o autoconhecimento, como ocorre quando o sacrifício constitui uma escolha consciente em favor da mudança. Utilizando os preceitos de Barcellos (2012), a imaginação do trabalho nesse participante assumiu a característica de obrigação que inconscientemente o limita. De acordo com Hollis (2008), a posição de vítima perdura enquanto permanecer a inconsciência da raiva e das mágoas que desorientam a energia vital. Para o autor, é necessária a conscientização do homem de que nem a sua ferida nem a sua defesa contra o ferimento constituem a sua identidade, mas é a sua jornada como um todo que o representa.

O trabalho constitui uma busca de ressignificações

Retomando os pressupostos de Barcellos (2012), o trabalho vivido como uma forma de satisfação pessoal pode estar relacionado às fantasias arquetípicas de prazer, conquista, realização, justiça, que suscitam significações motivadoras na dinâmica da pessoa com o trabalho, como é possível observar no

participante Carlos. A partir da análise da sua narrativa, é possível tecer uma amplificação simbólica do mito de Hefesto, mencionado anteriormente como o único deus da mitologia greco-romana que trabalha. Bolen (2002) descreve esse deus como a representação arquetípica do trabalho criativo, do instinto de trabalho e de criação, visto que se trata de um exímio artesão que utiliza a forja proveniente de fogo vulcânico para extrair a beleza da matéria bruta, esculpindo e confeccionando as mais belas obras do Olimpo. Para a autora, o homem identificado com essa personagem arquetípica masculina considera o trabalho para além da sua atuação funcional de produtividade, ampliação social ou fonte de renda, percebendo-o como uma realização instintiva. A percepção de Bolen (2002) de que o trabalho está embasado em um instinto corrobora as considerações de Barcellos (2012) e Hillman (1989) destacadas acima a respeito da necessidade de conexão entre trabalho e satisfação para a dinamização da psique, conferindo sentido e profundidade à vida. Sob essa perspectiva, pode-se sugerir que a apreensão que Carlos faz das suas experiências de trabalho e a forma como psicodinamicamente se relaciona com o conceito de trabalho se conectam com a característica da figura arquetípica de Hefesto de homem trabalhador satisfeito com o que realiza.

No entanto, Bolen (2002) e Brandão (1992) complementam que, paradoxalmente, Hefesto, deus criador de coisas perfeitas, é também a única divindade imperfeita entre os deuses. Segundo os autores, ele foi rejeitado pela mãe Hera por ter nascido com o pé torto. Em outra versão do mito, a rejeição veio do pai Zeus que, por se sentir afrontado, o jogou para fora do Olimpo o que teria ocasionado a deformidade das suas pernas. Desse modo, Hefesto, uma vez coxo e rejeitado pelos pais, representa o criador ferido, o “arquetipo do artesão aleijado cuja criatividade é inseparável de suas dores emocionais” (BOLEN, 2002, p. 324). Conforme explana essa autora, o propulsor instintivo do trabalho se mostra atuante em Hefesto como uma compensação da sua deformidade e um caminho para transcender as suas feridas emocionais.

Retomando a análise de Rodrigo, a figura arquetípica de Hefesto pode ser amplificada como uma possibilidade de dissolução do seu complexo de trabalho visto que, segundo o mito apresentado pelos autores supracitados, caso ele se conscientize de suas limitações e dores emocionais, essas deixarão de comprometer sua eficiência e realização no trabalho e, pelo contrário, irão tornar-se incentivos e ampliar a sua competência. O mesmo se pode considerar a respeito da

ferida narcísica suscitada em Lucas após o rompimento da relação de trabalho com o antigo chefe, uma vez que a conscientização do que o paralisa profissionalmente auxiliaria a retomar o movimento e a se manter ativo, como acontece no mito de Hefesto. De acordo com Bolen (2002), esse deus encontra a superação das suas inseguranças por meio do trabalho.

Quando esse arquétipo está presente, a beleza e a expressividade que, de outra maneira, permaneciam enterradas na pessoa, podem ser liberadas por meio desse trabalho que confere forma tangível a aspectos da personalidade dessa pessoa. [...]. Algo interno torna-se literalmente visível, e é nesse momento que pode sobrevir a percepção do seu significado. (BOLEN, 2002, p. 321-322)

Desse modo, ao expressar os aspectos subjetivos da personalidade, o trabalho adquire significado e se torna mais tangível e perceptível à consciência. Todavia, por vezes, a atuação de complexos não favorece a conscientização do elemento subjetivo que emerge na vivência do trabalho, sugerindo-se que seja esse o cerne da dificuldade de Rodrigo e de Lucas na dinamização das suas vidas profissionais.

O trabalho vincula-se a uma afirmação da identidade

O homem e seu consciente sempre ficam para trás em relação aos objetivos do inconsciente; ele cai em preguiçosa indolência até que sua libido o chama para novos perigos. Ou então, no auge da existência, ele é acometido por saudade retrospectiva e paralisa (JUNG 1924/1999, par. 540).

A supracitada explanação de Jung (1924/1999) sobre a dinâmica libidinal de avanço e paralisação remete à psicodinâmica de Lucas de engajamento e estagnação com relação ao trabalho e aos estudos. De acordo com o autor, o medo pode se configurar como um obstáculo para o avanço da libido rumo à ampliação da consciência e, para que o enfrentamento do medo aconteça, o referido autor afirma ser necessária a ativação da figura arquetípica do herói, cuja audácia percebe o medo como um desafio e não se deixa intimidar. Complementando essa postulação, Lima Filho (2002) afirma que o herói representa arquetipicamente a emancipação da pessoa em relação a seus pais. Tal libertação requer a mencionada superação do medo.

Na descrição de Hillman (2008), o *puer* unifica o arquétipo da criança, do Eros, do psicopompo e, também, do herói, de forma que a atuação passiva do herói na dinâmica da psique condiz com a falta de consistência nas realizações do *puer* e com a não manifestação de seu caráter de mudança e de perspicácia, agilidade e criatividade diante das oportunidades que a vida apresenta. Parece que esse caráter do *puer* encontra-se menos ativo em Lucas, Rodrigo e Gabriel, uma vez que esses participantes parecem não realizar o enfrentamento heroico dos medos e das dificuldades inerentes ao amadurecimento.

Hillman (2008) diferencia as características da figura arquetípica *puer-senex* em positivas e negativas, afirmando que o *puer* assume um caráter negativo quando se distancia demasiadamente do aspecto *senex* que incentiva à organização, centralização e temporalidade; ou quando se aproxima do caráter *senex* de rigidez e autoritarismo. Desse modo, na visão do autor, o “vir-a-ser” do *puer* nunca se realiza no “ser” do *senex*, mantendo-se apenas no campo das possibilidades e promessas. Pode-se dizer que a inconsistência das perspectivas de Gabriel quanto ao seu futuro profissional, assim como em toda a sua trajetória com o trabalho, indica a flutuação no campo das possibilidades, característica de um *puer* negativo, que o leva a não investir, efetivamente, na consecução de seus objetivos. Lucas também parece se vincular ao perfil do Jovem Eterno dependente, uma vez que, atualmente, parece fugir das responsabilidades da vida adulta; enquanto Rodrigo, apesar da aparente organização das suas metas profissionais, parece agir de modo defensivo, permanecendo na postura dependente pueril do “vir-a-ser”.

A dinâmica do *puer* em Gabriel e sua falta de dedicação concreta ao trabalho podem estar relacionadas à afirmação de Hollis (2008) que, muitas vezes, a relação dos pais com o trabalho, quando vivida de forma desgastante e penosa – considerada pelo autor como uma “opressão saturnina” –, leva os filhos a formarem uma *imago* negativa do trabalho. O autor postula que o filho, a fim de encontrar a cura da sombra saturnina que incorporou, deve buscar ativar em si o que não lhe foi propiciado pelos pais. Sob essa perspectiva, Gabriel pode não ter conseguido ressignificar a *imago* paterna negativa relativa ao trabalho, assumindo a postura defensiva e distanciada do *puer*, que parece caracterizar a sua identidade com o trabalho atualmente.

Nolasco (1995) afirma que o trabalho desempenha a função de nomear a subjetividade dos homens ao influenciar o modo como eles se expressam,

relacionam-se socialmente e compreendem o mundo, definindo-os como indivíduos. Soares e Costa (2011) complementam esse ponto de vista ao considerarem o trabalho como intrínseco à constituição da identidade, uma vez que oferece ritmo, cronologia e constância à trajetória da vida, promovendo o estabelecimento de papéis sociais e a reconfiguração nas percepções de si e do ambiente. Pode-se dizer que o presente recuo na vivência do trabalho de Lucas e Gabriel seria reflexo de uma estruturação egoica vulnerável à ação dos complexos e com tendência a projeções idealizadas, condição essa que compromete a afirmação de suas identidades.

Em suma, a partir da discussão aqui apresentada, observa-se que, apesar das individualidades, das diferenças nas trajetórias de vida e dos diferentes motivos para estarem atualmente sem trabalho e sem renda, a análise dos relatos dos quatro participantes permite inferir a presença de complexos que interferem no modo como lidam com o trabalho. Isso aponta que o não trabalhar e ser dependente financeiro envolve questões que vão além dos aspectos socioeconômicos e culturais do contexto em que esses homens inseridos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema do trabalho revelou-se em sua complexidade e relevância para a construção da subjetividade, emergindo como um fator de significação fundamental na percepção do homem a respeito de si mesmo em seu percurso de vida. A disposição dos participantes em contribuir para a pesquisa favoreceu a aplicação do instrumento e o alcance dos objetivos propostos, uma vez que foi possível compreender os significados que os homens estudados atribuem a si mesmos e à sua situação, incluindo o significado atribuído às expectativas sociais referentes ao trabalho. Estas incluíram, por exemplo, o julgamento crítico por não trabalhar e ser dependente financeiro da esposa e a cobrança existente de que o homem, nessa faixa etária de trinta anos, deve não apenas estudar, mas estar empregado e independente dos pais. A respeito do terceiro objetivo, relacionado aos fatores de investimento e/ou desinvestimento no trabalho, as narrativas compuseram temas abrangendo distintas histórias, situações, emoções e motivações, possibilitando que fosse proposta uma análise sob a teoria dos complexos da Psicologia Analítica. A riqueza de tal análise leva-nos a recomendar que estudos futuros se dediquem a explorar, em profundidade, os aspectos psicológicos relacionados ao não trabalhar, visto que as questões ora levantadas vão além das circunstâncias socioeconômicas que permeiam a sociedade na qual o homem está inserido.

A maior dificuldade enfrentada na presente pesquisa foi o recrutamento dos participantes, uma vez que a abordagem deveria ser cautelosa o suficiente para não suscitar o receio de ser preconceituosamente julgado por sua situação. Mesmo com o devido cuidado na explicação da proposta da pesquisa, ocorreram muitas recusas, algumas motivadas pela ausência de bonificação financeira pela participação. Chamou a atenção o fato de que, por vezes, o homem indicado como participante por alguém que afirmava que ele se encaixava no perfil, quando procurado pela pesquisadora, não se apresentava como alguém sem trabalho e sem renda. Isso pode ser visto como um dado que sugere a diferença entre o olhar externo e o olhar do indivíduo em relação a esse tipo de situação.

No processo de elaboração do método, cogitou-se como uma possível dificuldade a diferença de gênero entre pesquisadora e participantes, diferença essa que poderia gerar, no participante, um sentimento de desconforto por ter de expor a sua situação, e inibir o relato livre proposto pelo instrumento da História de Vida. No

entanto, todos os participantes apresentaram suas narrativas de forma espontânea e com foco no tema. Apesar dessa disponibilidade, cabe destacar a dificuldade de inferir a psicodinâmica do participante a partir do método proposto, principalmente por se dispor de um único encontro e um único instrumento.

Destaca-se, ainda, o desafio teórico decorrente das mudanças paradigmáticas da contemporaneidade, que os estudiosos citados nem sempre abarcam em toda a sua complexidade. Parece que há nuances que não estão abrangidas pela teoria, especialmente aquelas que utilizam a conjunção “nem” presente na denominação “nem-nem” (nem trabalha, nem estuda) referida na Introdução. Certamente ela é apropriada para muitas situações, mas, neste estudo qualitativo com poucos participantes e que, portanto, não pode ser generalizado, não foi observado o “nem” como um perfil categórico e restritivo, mas sim a atuação de fatores intrapsíquicos que compõem esse enquadre, nomeado de complexo de trabalho.

Como proposta de futuras pesquisas, sugere-se a realização de um estudo com maior número de participantes, acrescentando uma possível investigação quantitativa ao método. Outra proposta seria o acompanhamento longitudinal dos participantes pelo período de seis meses a um ano, com a utilização de instrumentos de expressão simbólica para observar a possível ressignificação na relação do homem com o trabalho. Também se sugere separar faixas etárias e ampliar o estudo para a população feminina. Eventualmente, a pesquisa poderia se propor a aprofundar sentidos simbólicos, utilizando a análise de sonhos, por exemplo, com vistas à compreensão da subjetividade observada. Outra proposta seria entrevistar individualmente também as pessoas que sustentam financeiramente os homens que tenham o perfil estudado, correlacionando os diversos pontos de vista sobre a situação do homem que não trabalha e não tem renda própria.

Os resultados da pesquisa, apesar de não permitirem generalizações e de carecerem de investigação mais aprofundada, mostraram que a análise de narrativas e da História de Vida é relevante para a compreensão da condição de não trabalhar e do significado atribuído ao trabalho pelos participantes. De modo geral, verificou-se existir congruência entre a vivência dos participantes em relação ao trabalho e a teoria que serviu de base para este estudo, o que aponta para a contribuição da pesquisa empírica sobre o tema do trabalho para o campo teórico da psicologia profunda aplicada na clínica e na pesquisa.

Um ponto a realçar no âmbito da psicologia clínica é o processo de modulação subjetivada que se entrelaça às condições ambientais, familiares e circunstanciais na história de cada um com respeito ao trabalho. Percebe-se que aspirações, motivações e interesses são tanto impulsionadores como podem adquirir caráter defensivo em razão de vivências conscientes e inconscientes. A noção de complexo abordada pela Psicologia Analítica pode ser aplicada nesse campo, e a pesquisa realizada deu indícios de sua pertinência. Confirma-se, portanto, a possibilidade de atuação do psicólogo clínico no caso de pessoas que atravessam crises laborais, indecisões e dificuldades no âmbito do trabalho, ainda que pouco conscientes ou atribuídas meramente a fatores externos. Acompanhar processos e trajetórias, empregando os recursos de processamento simbólico junguiano, pode ajudar a redefinir metas e a elaborar defesas não conscientes.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. *Snowball* (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **X Congresso de Educação – EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2011.
- BARCELLOS, Gustavo. **Psique e imagem**: estudos de psicologia arquetípica. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Ave-Maria, 2016.
- BYINGTON, Carlos A. B. **Psicologia Simbólica Junguiana**: a viagem de humanização do Cosmos em busca da iluminação. São Paulo: Linear B, 2008.
- _____. **A viagem do ser em busca da eternidade e do infinito**: a descrição das sete etapas arquetípicas da vida pela Psicologia Simbólica Junguiana. São Paulo: Edição do Autor, 2013.
- BOLEN, Jean Shinoda. **Os deuses e o homem**: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CASTRO, Mary Garcia. O conceito de gênero e as análises sobre mulher e trabalho: notas sobre impasses teóricos. **Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos**. Salvador, n. 17, p. 80-105, 1992.
- CASTRO, Ruy. Morando com mamãe. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 fev. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2202201005.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2014.
- ECCEL, Claudia Sirangelo; GRISCI, Carmem Lígia Iochins. Trabalho e gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres. **EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 57-78, mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512011000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 abr. 2015.
- ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- EZZY, Douglas. **Coding Data and Interpreting Text**: Methods of Analysis. Australia: Routledge, 2002.
- FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, número especial, p. 31-38, 2003.
- FORDHAM, Michael. **A criança como indivíduo**. São Paulo: Cultrix, 2001.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2015.

GALEAZZI, Irene Maria Sassi. Mulheres trabalhadoras: a chefia da família e os condicionantes de gênero. **Mulher e trabalho**. Porto Alegre: FEE, v. 1, s/n, p. 61-68, 2001.

_____, et al. Mulheres trabalhadoras: 10 anos de mudanças no mercado de trabalho atenuam desigualdades. **Mulher e Trabalho**. Porto Alegre: FEE, v. 3, s/n, p. 62-68, 2011.

GELINSKI, Carmen R. Ortiz G.; RAMOS, Ivoneti da Silva. Mulher e família em mutação: onde estão os mecanismos de apoio para o trabalho feminino? **Mulher e Trabalho**. Porto Alegre: FEE, v. 4, s/n, p. 141-148, 2004.

HARRINGTON, Brad; DEUSEN, Van Fred; MASAR, Lyar. **The New Dad**: Right at Home. Boston College – Center for Work & Family: Carrol School for Management, 2012. Disponível em: <<https://bccwf.wordpress.com/2012/07/10/the-new-dad-right-at-home/>>. Acesso em 1 abr. 2015.

HENRIQUES, Célia Regina; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A “geração canguru”: algumas questões sobre prolongamento da convivência familiar. **Psico**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p.195-205, 2004.

HILLMAN, James. **Entre vistas**: conversas com Laura Pozzo sobre psicoterapia, biografia, amor, alma, sonhos, trabalho, imaginação e o estado da cultura. São Paulo: Summus, 1989.

_____. **O livro do Puer**: ensaios sobre o arquétipo do Puer aeternus. São Paulo: Paulus, 2008.

HOLLIS, James. **Sob a sombra de Saturno**: a ferida e a cura nos homens. São Paulo: Paulus, 1997.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais 2014**: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2014.

_____. **Síntese de indicadores sociais 2013**: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2013.

JUNG, Carl G. **A natureza da psique**. 1916, OC, v. 8/2. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Símbolos da transformação**. 1924, OC, v. 5. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo. 1934. In: JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 1955, OC, v. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2008b.

JUNG, Carl G. A psicologia do arquétipo da criança. 1940. In: JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. OC, v. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2008b.

_____. **O desenvolvimento da personalidade**. 1945, OC, v. 7. Petrópolis: Vozes, 2008a.

KAST, Verena. **O caminho para si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEVINSON, Daniel J, et al. **The Seasons of a Man's Life**. Ballantine Books: New York, 1978.

LIMA FILHO, Alberto Pereira. **O pai e a psique**. São Paulo: Paulus, 2002.

MACÊDO, Márcia dos Santos. **Na trama das interseccionalidades: Mulheres chefes de família em Salvador**. Salvador, 2008. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2008.

MACIEL JÚNIOR, Plínio de Almeida. **Tornar-se homem: o projeto masculino na perspectiva de gênero**. São Paulo: 2006. (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MARRI, Izabel Guimarães; WAJNMAN, Simone. Esposas como principais provedoras de renda familiar. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 19-35, 2007.

MORIN, Estelle M. **Os sentidos do trabalho**. v. 41. n. 3, p. 8-19. Revista de Administração de Empresas – RAE, jul./set. 2001.

MUNHOZ, Renata do Nascimento Vieira. **A presença estendida de adultos na família de origem**. São Paulo: 2012 (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia – Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, 2012.

NA ESPANHA, os jovens na geração 'ni-ni' já somam 1,9 milhão. **O Globo**. 15 set. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/na-espanha-os-jovens-na-geracao-ni-ni-ja-somam-19-milhao-6109196#ixzz3IsLT84t>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

NASCIMENTO, Pedro Francisco Guedes. Não provedores: desemprego e alcoolismo masculino em comunidades de baixa renda. In: **Seminário: As famílias e as políticas públicas no Brasil**. Programa de Treinamento e Pesquisa sobre Direitos Reprodutivos na América Latina e Caribe, 3. Fund. Carlos Chagas/Fund. MacArthur. Belo Horizonte, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/fampolpublicas/pedronascimento.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

NOLASCO, Sócrates Alvares. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **La Salud de los Jóvenes: Un reto y una esperanza**. Geneva: OMS, 1995.

ROCHA, Ana Paula Rangel; GARCIA, Cláudia Amorim. A adolescência como ideal cultural contemporâneo. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 622-631, set. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000300014&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em 15 out. 2014.

SAMPIERI, R. Hernández. O processo de pesquisa e enfoque quantitativo e qualitativo: rumo a um modelo integral. In: **Metodologia de Pesquisa São Paulo**, São Paulo: McGraw-Hill, 3ª ed., p. 03-17, 2006.

SAMUELS, Andrew. **New Developments in the Post- Jungian Field**. Junguiana, n. 26, p. 19-27, 2008.

SANTARÉM, Robson. Nas relações de trabalho. In: **Puer-senex: dinâmicas relacionais**. Maria Ribeiro Monteiro (org.). Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Aline Pacheco, et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, Belo Horizonte, vol. I, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/mosaico/index.php/mosaico/article/viewFile/6/4>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

SILVA, Margareth Ribeiro Machado Santos; MENDONÇA, Helenides; ZANINI, Daniela Sacramento. Diferenças de gênero e valores relativos ao trabalho. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 39-45, abr. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 nov. 2014.

SILVEIRA, Paula Grazziotin; WAGNER, Adriana. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 23, n. 4, p. 441-453, Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 nov. 2014.

SOARES, Dulce Helena Penna; COSTA, Aline Bogoni. **Aposent-AÇÃO: Aposentadoria em ação**. São Paulo: Vetor, 2011.

STAUDE, John-Raphael. **O desenvolvimento adulto de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1981.

TACEY, David. **Remaking Men**. London: Routledge, 1997.

TAGLIAMENTO, Grazielle; TONELI, Maria Juracy F.. (Não)trabalho e masculinidades produzidas em contextos familiares de camadas médias. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-354, ago. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 mar. 2015.

TERUEL, Ana; AUNIÓN, J. A. España es el país de Europa con más jóvenes que ni estudian ni trabajan. **El País**. 12 set. 2012. Disponível em:

<http://sociedad.elpais.com/sociedad/2012/09/11/actualidad/1347351489_459628.html>. Acesso em: 11 nov. 2014.

TINOCO, Rui. **Histórias de vida: um método qualitativo da investigação**. Psicologia: O portal dos psicólogos, Portugal, 2004. Disponível em:

<<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0349.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

VILLAS BÔAS, Bruno; VETTORAZZO, Lucas. Geração que não estuda, não trabalha nem procura emprego diminui no país. **A Folha de São Paulo**, 4 dez. 2015. Disponível em: <<http://folha.com/no1714907>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você para participar da Pesquisa **Sem trabalhar: Um olhar psicológico sobre o homem adulto que não procura trabalho e não tem autonomia financeira**, sob a responsabilidade da pesquisadora Ísis Oliveira, a qual pretende **compreender os significados que o homem que não trabalha e não tem renda própria atribui a si mesmo e à sua situação**.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista individual que será utilizada como parte da pesquisa, adotando como técnica a narrativa da *História de Vida*, enfocando o tema do trabalho. O tempo previsto para cada encontro será de 60 minutos.

O risco decorrente de sua participação na pesquisa é a possibilidade de você se sentir incomodado com determinadas perguntas. Pode optar por não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se desconfortável.

Se você aceitar participar, contribuirá para oferecer à sociedade um olhar clínico para a subjetividade do homem contemporâneo, visto que há escassez de material de pesquisa sobre esse tema específico.

Se depois de consentir em sua participação você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço Av. Bernardino de Campos, 327, Paraíso, CEP 04004-05, pelo telefone (11) 96450-1404 (celular) ou e-mail: isisoliveirapsi@hotmail.com; ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP-PUC-SP, no endereço Rua Ministro Godói, 969, sala 63-C, Perdizes, CEP 05015-001, no telefone (11) 3670-8466 ou e-mail cometica@pucsp.br.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____,
fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha
colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto,
sabendo que não vou ganhar nada e que posso me retirar quando quiser. Este
documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo
pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B – Entrevista – Rodrigo, 34 anos

- Como foi a vivência do trabalho ao longo da sua vida?

A vivência do trabalho ao longo da minha vida não foi muito recompensadora, digamos assim. Eu sou de família humilde, pobre, então eu sempre ‘tava preocupado em o que fazer com o dinheiro que eu ganhava. Então, era muito difícil pra mim tentar investir em mim mesmo sabendo que eu tinha outras responsabilidades com meu dinheiro. Então, **difícilmente sobrava dinheiro pra investir em mim** e tentar obter melhores colocações, cargos melhores, salários maiores e ganhos melhores. Então, ao longo dos anos foi bastante ruim nesse sentido. Passei por inúmeras empresas, sempre tentei fazer o meu melhor, sempre tentei desempenhar o meu melhor, independente de qualquer tipo de problema que eu tivesse com os meus empregadores. **Então, eu fui desenvolvendo a ideia de que o trabalho para os outros não ‘tava sendo a forma pra eu mudar minha realidade**, não tinha como. Então, não tenho muitas conquistas em relação a isso. Eu tive que fazer muitas coisas por conta. Eu tive que estudar sozinho sem [es]tar fazendo um curso, mas buscando me especializar, mas sem certificação, apenas pra conhecer, pra poder desempenhar um trabalho melhor e conviver com poucos ganhos, com salários pequenos, com funções também simples, mais básicas.

Então, a ideia de trabalho na minha cabeça foi criando uma ideia negativa em relação ao trabalho. Não no sentido de eu não gostar de trabalhar, muito pelo contrário, mas que, por ter recompensa desse trabalho, não ver recompensa desse trabalho, você inúmeras vezes se pergunta porquê continuar. E aí, obviamente, vêm outros pensamentos do tipo... Você fica mais rebelde quanto à forma como a sociedade funciona hoje. Você meio que se rebela. Eu já passei por essa fase. Você quer mudanças, você adentra em ideologias bastante esquisitas que, hoje, com uma maturidade maior, eu já penso a respeito melhor, ter um equilíbrio melhor. Mas em torno dos meus 15 anos de idade que eu comecei a trabalhar, então, ao longo de todos esses anos, mais de uma década, **eu vivi com diversos pensamentos diferentes em relação à noção de trabalho em si.** A noção básica que a gente tem sobre trabalho é que haja uma recompensa né? Sobre isso, sobre o seu trabalho, sobre o seu desempenho, sobre a sua dedicação, sobre a sua lealdade, sobre a sua fidelidade a uma determinada empresa ou escolha da sua carreira.

E outra coisa, também, e sobre isso, **a escolha de uma carreira, a escolha de seguir somente um caminho, uma direção apenas.** Quer dizer, você acaba tendo que decidir isso muito jovem e algo que vai impactar sua vida inteira, pelo resto da sua vida. **Se você vai desenvolver uma carreira, você vai ficar preso àquilo.** Esse tipo de pensamento também me bloqueava: “Eu invisto nisso? Mas eu quero fazer aquilo outro... Se eu invisto nisso agora, eu talvez consiga um emprego melhor, um salário melhor e tenha dinheiro pra fazer aquilo que eu quero, né?”. Mas a realidade é bem diferente. A gente tem contas, a gente tem responsabilidades. **Mesmo muito jovem eu já tinha algumas responsabilidades que eu não deveria ter na época. E você vai ficando sem foco, você vai caminhando e mudando a sua direção em vários momentos.** E você vai perdendo o foco. E, dificilmente, sem um foco definido, sem um objetivo a ser alcançado, você não se empenha somente naquilo, você fica perdendo tempo demais. Então o tempo vai passando e é crucial, inclusive no mercado de trabalho. Você precisa começar cedo porque a concorrência é grande. Então, quando você perde muito tempo, vai ficando cada vez mais difícil alcançar postos melhores, cargos melhores, concorrer com gente que, no caso, tá mais bem preparada né? Pelo menos não em questão de experiência, mas bem preparada em certificações etc., em cursos e graduações etc. E você acaba ficando pra trás e sabendo que ‘tá ficando pra trás.

Então o trabalho não foi assim, de certa forma, recompensador e criou-se aquela ideia negativa de trabalho em relação a depender, de estar dependente de um empregador, de estar dependente de alguém.

Então hoje eu busco um trabalho que eu desempenhe pra mim mesmo, ou seja, estou fazendo as coisas por minha conta, estou vendendo a minha experiência e prestando

serviços por conta. Comecei há pouco tempo, então ainda não obtive retorno disso. ‘Tou trabalhando, ‘tou na parte da empresa que eu ‘tou montando e sem capital inclusive pra iniciar, sem um aporte financeiro pra fazer isso. Eu ‘tou tendo que fazer isso sem capital mesmo, basicamente ‘tou fazendo por conta. Não estou desempenhando nenhuma função formalizada, contratado por alguém, não estou sob nenhum contrato de trabalho atualmente por esses cinco meses.

Houve várias coisas que me motivaram a dar um passo, a fazer as coisas por mim mesmo: **não querer ficar dependente mais de procuras de empregos e principalmente, quando a situação do país oscila negativamente, que surge bastante demissões e tal... Então, eu não queria ficar preso a isso.** Então, eu ainda não estou desempenhando a função. Eu sou microempreendedor individual. É a forma de começar isso daí, de começar uma empresa legalizada, mas ainda não ‘tou desempenhando ainda essa função. **Não ‘tou obtendo renda ainda disso.** Não comecei, estou trabalhando ainda pra iniciar.

“‘Tou trabalhando” é o quê? ‘Tou pesquisando, ‘tou fazendo meu marketing e tal... Vou entrar em contato com escritórios e tal pra prestar serviços. Vou ser um prestador de serviços, mas ainda não comecei. **Então, a princípio, ainda não tenho renda, estou completamente sem renda nenhuma, estou dependendo apenas da minha esposa** que está também por conta, trabalhando por conta também e **é de onde a gente tá tirando a nossa renda atualmente. Então, não estou empregado e estou sem renda, totalmente sem renda.**

A propósito também não estou recebendo nenhum benefício do governo, nada, nenhum desses programas sociais aí eu me incluo, não estou incluído. Então, totalmente sem renda mesmo.

Como eu te falei inicialmente minha família também de origem humilde. Então, da parte da minha família também eu não tenho muito ajuda financeira, né? **Então estou fazendo as coisas por mim mesmo, buscando as coisas por mim mesmo, mas não comecei oficialmente.** ‘Tou completamente sem renda mesmo. O que eu tenho, eu ‘tou usando o dinheiro que eu tenho guardado né? Que eu pude juntar. É o dinheiro que está me mantendo por enquanto.

- E como você se sente hoje em relação a não trabalhar?

Bom, tem todo aquele aspecto cultural né? De que você não tá trabalhando, as pessoas tão te julgando, dizendo que você... Sei lá... Que talvez você seja um vagabundo, que você seja petralha, que você seja isso, seja aquilo. Colocam até ideologias de que você supostamente faz parte, e concorda e tal. Não. Ignoro isso. **O fato de eu não estar trabalhando é uma inverdade, porque o trabalho não é só em relação à remuneração.** A gente entende esse lance do trabalho como algo que depende de você ser remunerado. Eu não tenho esse pensamento. Acho que eu já evolui além disso. **Então, eu trabalho todos os dias. Eu trabalho com a minha família, eu trabalho cuidando da minha filha, eu trabalho fazendo as coisas em casa, eu trabalho ajudando a minha esposa.** Eu trabalho fazendo o que eu posso fazer pra minimizar as obrigações, no caso da minha esposa, e estou buscando também fazer algo remunerado. Então, em relação a isso, **esse é o lado positivo do trabalho, não só o trabalho no sentido de estar empregado, dele ser remunerado etc.** Talvez seja a forma de eu ver tudo isso de um ponto de vista mais positivo e tal. Mas é dessa forma que eu encaro hoje.

Eu me sinto em relação a não trabalhar remuneradamente, a não ter um trabalho remunerado, lógico, é ruim, é prejudicial. **O sistema que nós estamos inseridos é necessário que você venda a sua força de trabalho, obtenha dinheiro e use esse dinheiro pra obter coisas, e colecionar coisas, e guardar coisas, e algumas facilitam a vida, são práticas, e outras, nem tanto, são mera ostentação etc.** **Então, assim, você não se sente incluído dentro desse sistema.** Essa é a resposta para a pergunta de como eu me sinto em relação a não trabalhar, de não estar incluído nesse sistema. O que de todo não é negativo né? Mas também não chega a ser positivo, porque a gente precisa disso pra sobreviver. Não tem pra onde correr. É esse o sistema e ponto final. **Esse é o jogo e ponto final.**

- Qual o valor que você acredita que o trabalho tem na sua família e entre seus amigos?

Seria responder por outras pessoas, é meio complicado isso. Depende da visão que eles têm de mundo, né? **Em relação à família, tem aquele lance da família te julgar ou não, e julgar uns aos outros pelo trabalho que eles possuem. Como se o valor de uma pessoa.. aquele papinho, mas que é verdade... Como se o valor de uma pessoa estivesse intrinsecamente ligada à função que ela desempenha socialmente né? Ao personagem social dela.** E não, você tem aí, isso é uma verdade clara, você tem aí isso que tá acontecendo no Brasil hoje, tanto ladrões engravatados e tal. Pessoas sem o mínimo caráter usando mal a sua inteligência, as suas capacidades etc. Então, eu acho assim. Mas **infelizmente existe essa coisa cultural, essa coisa forte cultural difícil de se livrar, que é achar que uma pessoa é ou não melhor que outra pelo que ela faz, pela função que ela desempenha e, principalmente, por quanto ela ganha e por quantas coisas ela conseguiu colecionar.**

Então eu acho assim, que **da parte da família vem muito disso, né? Algo que eles herdaram também, algo que sempre, na civilização humana, sempre houve isso. Você só pode ajudar uma pessoa assim, porque você não tem outra forma de mensurar a personalidade dela, as qualidades dela. Você não tem outra forma a não ser essa, voltada ao trabalho.** Ou seja, como ela desempenha uma função, como ela lida com aquilo e o quanto ela ganha com aquilo, o quanto ela faz dinheiro com aquilo etc. Então, assim, essa questão cultural **lógico que pesa na gente. Eu me sinto às vezes um pouco pressionado por isso, mas tento me livrar logo desses pensamentos, porque você perde muito tempo pensando à sua volta, nas coisas à sua volta, nas pessoas à sua volta, e esquece de pensar na sua situação, ou mesmo resolver a sua situação, ou mesmo pensar em si mesmo... Ou não sobra tempo, na verdade.**

Então, tentando responder **do ponto de vista deles, é essencial que você tenha o trabalho, que você valorize o trabalho, que você viva pelo trabalho. Eu acredito isso.** Os meus amigos, pelo menos a grande maioria deles, enxergam o trabalho também como uma obrigação que você deve seguir, tanto social, por questão de sobrevivência mesmo né? Às vezes sem enxergar que 'tão presos dentro desse sistema econômico que te obriga a desempenhar uma função pra uma causa qualquer e dedicar o seu dia, todos os dias da tua vida, e toda a sua vida também pra focar numa determinada direção. Então, é uma obrigatoriedade social que imagino que eles têm em mente. Pra alguns, o trabalho não foi também nem um pouco compensador, para outros... Tenho amigos também que hoje já são bem-sucedidos, eles tiveram caminhos diferentes e tal, e formaram uma visão totalmente diferente da minha, na forma como eles encaram o trabalho. Se isso está ligado à sua ideologia, à forma de você enxergar as coisas, se isso está ligado à questão do sucesso, é meio complicado dizer. Eu tenho vários exemplos que mostram que sim, que isso foi por causa disso, foi dessa visão de enxergar o mundo, fazer parte daquele jogo, jogar aquele jogo, ou... Mas eu tenho também algumas situações em que indivíduos com esse mesmo pensamento não chegaram tão longe. Ainda continuam em situação ruim, tanto sendo empregado dos outros ou não. Enfim, cada um tem uma visão diferente, inversa sobre esse assunto. **Então, a princípio, eu acho que é isso: família acha que é uma obrigação pra você provar o seu valor. Mas eu tenho alguns amigos da mesma faixa etária que pensam como eu, de ter uma visão um pouco mais aberta sobre isso, de julgar as situações, de julgar a definição de trabalho mesmo em si. Não só um emprego, mas o próprio trabalho que dá de se viver, né? Das suas obrigações diárias em tudo e de responsabilidades assumidas.**

- Como se sente em relação a estar agora financeiramente dependente da sua esposa? Olha, como eu me sinto de estar dependente da minha esposa financeiramente, **não tenho nenhum problema quanto a isso.** Não tenho nenhuma visão machista, retrógrada de achar que "nossa, sou dependente da minha mulher, como é que eu vou fazer? 'Tou me sentindo menos homem por causa disso". Não, pelo contrário. **Isso não afeta nem a minha vida sexual. Não tenho esse pensamento. Eu acho que não somos só um casal marido e mulher. Temos que ser parceiros,** temos que ser um time de dois, e uma mão lava a outra. No caso, eu ajudo ela com o que ela precisa fazer. Atualmente eu 'tou ajudando ela, pra que ela tenha menos preocupações, menos obrigações que possam afetar o trabalho

dela, que possam afetar o desempenho dela. **Então, não tenho problemas quanto a isso. Seria interessante (e isso já conversei com elas várias vezes) citar sobre a forma como ela enxerga isso, porque não basta só a minha forma de enxergar. Porque eu posso dizer que tá tudo bem, tá tudo maravilhoso pra mim, do meu ponto de vista, mas e do ponto de vista dela e da cultura, da educação que ela recebeu? A cultura na qual ela está inserida também, que é herdada, que isso é uma coisa que o homem deve ser o provedor da casa, e tudo mais. Então, *a priori*, ela tinha essa ideia também. Ela ficava se sentindo um pouco mal com isso, ficava se sentindo confusa etc. Mas, acredito eu, que ela já evoluiu bastante, já não pensa mais assim. Além de tudo porque ela vê que eu ajudo ela pra ela se ajudar e ela ajudar a gente. Então, é tudo uma coisa só. E é uma questão de tempo também que eu já venha desempenhar as minhas funções, que eu consiga meus clientes, e volte a trabalhar com uma das definições de trabalho, que seria o trabalho remunerado. Então basicamente não temos problemas, eu não tenho problema quanto a esse tipo de pensamento. Isso não me afeta negativamente de nenhuma forma. E é isso.**

APÊNDICE C – Entrevista – Gabriel, 27 anos

Tive algumas experiências. Primeiramente foi nesse *shopping*, numa loja de departamento durante cinco, seis meses... por aí. Isso foi durante o curso, eu 'tava estudando.

Nunca trabalhei na minha área, que seria como gestor portuário. Trabalhei no terminal de navio passageiro por cinco a seis meses. Trabalhei na bagagem, carregando mala. É a minha área só pelo porto, mas não tem nada a ver com o que eu estudei.

Trabalhei na prefeitura um ano, de 2011 a 2012, como... *(pausa pra lembrar o nome do cargo)* oficial de administração, era contratado. **Fui indicado por um vereador que meu pai conhece. Fui contratado por um ano. Eles não quiseram renovar, aí eu saí. Era pra renovar por mais três, mas eles não quiseram porque ia entrar um pessoal de concurso.**

Na verdade comecei na lotérica fazendo o jogo do bicho, agora que eu 'tou lembrando... Foi em 2007, 2008, por aí. Meu pai conhecia o dono da lotérica. Aí ele disse que 'tava precisando de um rapaz pra fazer o jogo do bicho. Só que eu 'tava estudando, fazendo o curso de gestão. Aí, 'tava atrapalhando o horário do estudo e eu pedi pra sair. Mas não entendia nada do jogo do bicho, sou péssimo em matemática.

- Como você chegou nesse curso de gestão portuária?

Então... É que minha família é da área portuária. **Basicamente minha família inteira trabalha nessa área, e eu fui meio que de embalo, aí eu fui lá e fiz isso aí... Pensei que, por eles trabalharem, ia ser mais fácil pra entrar na área, mas não foi bem assim não. Não me identifiquei muito com o curso. Não gosto muito de exatas. Tinha bastante exatas.** Não me identifiquei tanto, mas me formei. Sei lá... Não é uma área que me atrai tanto assim. **Eu penso em fazer Direito, mas não sei... Acho que já 'tou meio velho pra começar Direito** e cinco anos e tal, até eu me formar, tirar a OAB. Mas a área que eu gosto mesmo é Direito, o que me atrai assim.

- Como é a relação de trabalho na sua família?

Meu pai trabalha no porto, na área portuária, e minha mãe é funcionária pública na prefeitura. Acho que eles são um exemplo, sempre trabalharam a vida inteira. Minha mãe, desde que me conheço por gente, é funcionária pública, e meu pai andou trabalhando também na prefeitura, só que ele 'tá um bom tempo já trabalhando no porto. **Minha mãe ultimamente tem trabalhado meio período. 'Tá prestes a se aposentar e 'tá reclamando pra caramba porque não sai a aposentadoria dela. Pra mim seria ótimo trabalhar meio período, mas ela mesmo assim reclama.** Meu pai tem horário meio que não certo. Ele é avulso, trabalha quando tem trabalho, assim. **Ele não tem muita hora pra trabalhar porque o porto é 24 horas. Eu acho isso meio desgastante trabalhar de madrugada. Sei lá... Isso não me atrai muito.** Ele trabalha de turnos já faz um bom tempo. Não tem muita hora pra trabalhar, mas trabalha o dia inteiro, quase 24 horas. **É meio pesado. Então isso já, sei lá, é um trabalho meio que braçal o dele...** Ele trabalha carregando e descarregando os produtos que chegam no navio. Ou é da meia-noite às 7 da manhã... São turnos de 7 horas. **Ele reclama de cansaço e eu também percebo que 'tá cansado. Chega e só dorme em casa. Não tem uma vida. Assim... Como dizer? Não sei explicar... Não tem horário certo, não pode se programar muito. Quando aparece trabalho, ele tem que ir. Pra mim, não é muito bom isso.**

Minha mãe passou no concurso bem nova, acho que foi com 20 anos, não sei exatamente. Ela é formada em ciências, eu acho, alguma coisa assim do tipo. Ela chegou a dar aula pra Ensino Fundamental, se não me engano. Ela agora trabalha numa área mais administrativa. Ela é oficial de administração que nem eu fui. Pra mim era bom, eu tinha um horário certo. Isso pra mim seria bom uma área administrativa, é o que eu procuro mais.

Concurso é uma coisa que eu tento sempre. Fiz um [na] semana passada, e fiz um da prefeitura pra oficial de administração. **Sempre que aparece, eu faço. É o que eu pretendo mesmo. O que eu almejo é passar em algum concurso na área administrativa.**

E meu pai, o que eu sei foi aquilo, que ele trabalhou na prefeitura por um tempo. Só que ele era CLT (funcionário contratado) também, não era concursado. Ele não tem graduação, tem o Ensino Médio só. Ele trabalhava quando ele era menor numa loja de sapatos, diz que vendia bastante. Parece que ele era bom de lábia, era bom vendedor.

- Como é a sua rotina?

Ultimamente a minha vida 'tá meio parada. Minha rotina... Estudo pra concurso quando tem, mas ultimamente 'tou meio parado. Tem um ano mais ou menos que eu 'tou sem trabalho. Meu último emprego foi num hospital. Trabalhei como.. É.. Não é porteiro, é... Como se diz? Esqueci o nome. É tipo porteiro/segurança, é um nome que eles dão. Esqueci o nome do meu cargo... É porteiro basicamente. **Fiquei três meses mas não passei na experiência.** Eu gostei até. A jornada de trabalho era por plantão, era 12/36, se não me engano. Trabalhava um dia 12 horas e folgava um dia. Meu horário era das 10h às 10h, mas eles sempre pediam pra fazer um pouco mais. Um dia pediram pra fazer 20 horas, só que eu neguei e deve ter sido por isso que eu não passei na experiência. E era muita palhaçada pra receber. Demorava uns dois meses pra receber as horas extras. Por mim, eu ficaria mais, só que eu já 'tava meio irritado porque atrasava o salário também e eu **'tava meio desgastado também com os outros funcionários que trabalhavam comigo no plantão. Acho que não gostavam muito de mim, não sei por quê. Sempre me dei muito bem em todos os trabalhos, sempre tive um ótimo ambiente de trabalho.**

- Hoje, então, você está sem autonomia financeira?

Sim. 'Tou procurando estudar também, vou me inscrever na FATEC (*Faculdade de Tecnologia de São Paulo*) que é uma faculdade de... Nossa! 'Tou meio lesado hoje... É uma faculdade do governo. Não é uma faculdade, mas é de cursos profissionalizantes, vamos dizer assim. **'Tou pensando em fazer talvez análise de sistemas, computação e tal, meio que programação... Na verdade, 'tou pensando em fazer também outro curso que agora não me lembro do nome, mas 'tou pensando em fazer também, mas a princípio é esse.** A inscrição é dia 6 agora. Acho que começa já agora, esse próximo semestre.

- E como você se sente por estar sem autonomia financeira?

Ah! Me sinto meio chateado né? Meio que depender dos pais não é muito bom, né? Ainda mais com essa idade já, 27 anos. Me sinto meio mal, né? Sei lá... Não é muito agradável. Quando eu preciso de alguma coisa, eu peço pros meus pais, mas ultimamente nem tenho pedido muito. Na verdade, que eu tive uma renda agora, peguei meu PIS duas semanas atrás que eu nem sabia que tinha, mas meus pais me ajudam bastante. Quando eu preciso, eles me emprestam ou me dão. Emprestam não, né? Porque eles sabem que não vou devolver. **Mas eles encham um pouco o saco também, claro, como todos os pais, pra correr atrás e tal. Mas temos uma relação boa, tranquila, apesar da cobrança de estudar, correr atrás. Talvez a vontade deles seja maior que a minha. Às vezes acho que falta um pouco mesmo dessa vontade pra mim.**

Quando eu era mais novo, queria ser jogador de futebol, como todas as crianças. Jogava em escolinha, ia bem, **mas não tive apoio da minha mãe.** Em nenhum momento ela me apoiava. Eu tenho um tio que era jogador e eu me espelhava nele, que, se ele conseguiu, eu também conseguiria. Só que não deu certo, parei ainda criança. Minha mãe não apoiou, porque meu tio também era louco. Jogou no São Paulo, chegou a jogar no Santos, só que ele não tinha cabeça, fumava (*maconha*), acho que se drogava também. E minha mãe achava que todo jogador era maloqueiro. **Não era obrigatório ter a autorização dela, mas o apoio é importante, né? Faltou força de vontade minha também, mas não tem como, sem a família contribuir né?** Eles apoiavam mais como esporte, não como algo profissional. Minha mãe não queria e eu não ia contrariar ela. Eu era criança. **Até hoje eu penso nisso, então, né? Se não eu não 'taria falando aqui.**

E, depois, também não imaginava o que eu ia fazer de profissão. No 3º ano [do colégio], eu fiquei meio perdido. Aí fui fazer gestão por conta da minha família. Mas, depois, minha relação com Direito que eu falei que talvez eu queira trabalhar com isso, foi porque eu fiz um curso pro concurso do TJ, Tribunal de Justiça, onde eu tive muito Direito, porque é basicamente isso a prova. Estudei Direito Constitucional e foi aí que eu comecei a ver que eu gostava bastante da área, que me atraiu, assim. Eu acho que

muita gente deveria saber sobre a Constituição. Deveria ter na escola inclusive. Muita gente não tem nem noção de como é a Constituição do Brasil, porque é muito ampla. Direito Penal também me atrai bastante. **E foi assim que eu comecei a ver o que eu queria.** Até por eu ser bom de português e tal. **Eu sou mais de humanas e fui fazer exatas. Nada a ver.** Sempre fui bom em biologia, português. Sempre fui mal em física, matemática, desde a época de escola. Com ditado sempre acertava tudo. Só que [em] matemática, sou péssimo! Não consegue entrar na minha cabeça. Não formei no tempo certo no curso de gestão, tive algumas DPs, de matemática financeira, por exemplo. Eram dois anos, me formei em dois anos e meio, eu acho. **Terminei a escola e já entrei no curso direto, com 18, 19 anos. Não pensei, não. Minha mãe queria que eu fizesse alguma coisa e eu entrei direto.**

- Como é a relação que seus amigos têm com o trabalho?

Basicamente, estão todos trabalhando. Tem um amigo que é cozinheiro, 'tá trabalhando na cozinha de um bar. Tem um psicólogo. Tem outro amigo que trabalha com os pais num escritório de contabilidade. Tem um amigo nosso que trabalha na área de programação, trabalhou numa multinacional. Minha namorada trabalha no jornal mais conhecido daqui, é atendente.

Meu plano é começar do começo, passar num concurso, ter um salário digno, ir fazendo a vida aos poucos. Se eu tivesse trabalhando, ganhando relativamente bem, conseguindo me manter sozinho, com certeza sairia de casa. E rola um preconceito né? Por ter quase 30 anos, morar com os pais, não ter trabalho nem dinheiro. É chato, mas espero que não demore muito pra eu passar num concurso e as coisas começarem a andar.

APÊNDICE D – Entrevista – Lucas, 32 anos

Eu já trabalho desde os 15 pra 16 [anos], ainda sem carteira assinada. Comecei num escritório, que era de uma pessoa que já era conhecida da minha família e entrei como *officeboy*. Daí, fui aprendendo a trabalhar. Daí, saí pra fazer estágio em uma grande empresa de arte e tecnologia. Depois, entrei numa associação de fabricantes de automóveis, até chegar numa famosa academia de ginástica. Antes teve mais uns trabalhos temporários, mas, quando cheguei nessa academia, fiquei mais dois anos e meio e, aí, me encontro aqui. Trabalhei depois numa importadora de bebidas, mas foi rápido porque eles mudaram pra São Bernardo, e como eu moro e estudo aqui no bairro, São Bernardo pra mim não teria condições. E agora eu 'tou aqui. 'Tou fazendo faculdade de Ciências Sociais. 'Tou no 5º semestre. Falta um ano e meio, mas como minha grade é meio bagunçada porque eu parei, voltei, aí eles me reorganizaram. Então falta um ano na verdade. Em um ano tenho só que entregar o trabalho de monografia mesmo.

-Você fez estágio na área?

Fiz estágio, mas não foi exatamente em economia. Eu fiz em “contas a pagar” e “finanças” também, mas proveniente do curso de ciências econômicas. Que aí foi logo quando eu saí. Eu tinha 18 anos. Foi bem no começo da faculdade. Aí eu consegui esse estágio que falei, e aí eu fiquei por um ano e meio lá. Aí, quando eu 'tava completando o segundo ano, falaram que seria preciso mais um ano para efetivação. Aí, eu já não 'tava muito interessado em continuar como estágio, já tinha aparecido algumas propostas. Aí, eu acabei saindo desse estágio. Mas na área de economia mesmo ainda não. 'Tou na busca de entrar na área efetivamente. Porque finanças pra mim não é economia. Quero fazer consultoria, análise, que é mais legal assim do que um trabalho mecânico, rotineiro, a mesma coisa todo dia, pagamento, boleto, essas coisas aí já não é mais minha praia tanto assim.

Então, que 'tou parado faz cinco meses. Fazia um ano que eu não conseguia arranjar trabalho. Aí, fiquei esses três meses trabalhando. E, agora, esses cinco meses nesse quadro novamente. Por enquanto, isso.

Atualmente eu 'tou focando em banco, esse sistema mais bancário, bolsa de valores, alguma coisa mais nessa linha assim. **Não queria voltar mais pra escritório. Cara, se aparecer, não vou negar, mas a ideia agora, o setor mesmo que eu ainda não atuei, não trabalhei, foi em banco.** Concurso prestei, agora, pro INSS, pro TRE, mas banco pode ser não concursado mesmo, porque acho que o que me falta entender essa cadeia de finanças mesmo é a área bancária. É o que falta atuar pra compreender. Já fiz um pouquinho de cada, desde fábrica... Trabalhei numa empresa de – que pra mim foi uma experiência muito legal, muito interessante na verdade – que era uma produtora de alimentos. Era uma empresa pequena, mas eles tinham a ideia de popularizar a carne de cabrito, não a carne do bode que come-se muito. Na verdade, a do cabrito, que é uma carne bem mais suave, porque a do bode, sei lá, eu acho meio ruim. Mas a carne de cabrito era interessante, porque a ideia era popularizar, elitizar na verdade, criar um produto *premium* do cabrito prum público mais seleta, público A. Então foi uma experiência bastante interessante. Foi dois anos também. Só que o dono, o idealizador, era uma pessoa muito jovem, e ele acabou tendo muito dinheiro na mão e acabou não sabendo o que fazer exatamente com o produto. Então, as tomadas de decisões eram muito ruins. Então, acabou queimando o produto ao invés de promover. Quando eu saí, a empresa já 'tava meio ruim. Tentei procurar os produtos aonde eu sabia que era os pontos de venda e nunca mais vi, e não tive mais contato com ele, não sei o que aconteceu. Acredito que ele deva ter desistido da ideia. Foi um emprego bom, mas meio conturbado, porque a pessoa não era muito responsável. No meio da estrutura, ele acabou se casando com a filha de uma pessoa muito importante aí no meio, né? E ele foi fazer – uma coisa engraçada – foi fazer a lua-de-mel no exterior. Aí, ele simplesmente largou a empresa, esqueceu. Ficou 45 dias incomunicável. Então todas as tomadas de decisões foi tomada por quem 'tava ali. Não tinha gerente. Eu acho que eu era o mais próximo dele assim, mas não tinha tanto aquela responsabilidade. As pessoas não me viam exatamente assim. Eu era do setor financeiro. Cuidava só pra não

estragar o dinheiro, não surgir, não fugir, não sumir... Então, ele abandonou. Foi imaturidade. Ele tinha 28 anos, era veterinário, casou com uma pessoa mega multimilionária, não precisava mais daquilo e acabou fazendo pouco caso, desdenhou. Não tinha mais aquele esmero pelo produto que ele mesmo criou. Então.. foi ruim. Eu achei interessante porque era um ramo que eu nunca tinha vivido.

Então, experiências profissionais minhas foram desde boas até conturbadas. **O maior tempo que fiquei sem trabalhar foi o anterior desse temporário. Fiquei oito meses... Oito meses procurando. Vou dizer que nos primeiros três meses, quando eu ‘tava com o seguro-desemprego, eu dei uma acomodada mesmo, porque eu vinha dessa empresa dos cabritos e eu fiquei meio desgostoso assim. Falei: “Ah! Quer saber? Vou ficar um tempo meio parado”. Mas, depois dos três meses, eu comecei a procurar mesmo. Aí eu vi que a coisa ‘tava difícil mesmo.** Eu ‘tava lendo, até mesmo por umas coisas de faculdade, que o tempo médio que os candidatos estão demorando pra ser readmitido é de sete meses, pelo menos. E eu tenho visto que é mais ou menos por aí. Eu fiquei oito. Minha noiva, ela é advogada, mesmo formada, ficou também seis meses [...].

- Então seu máximo sem trabalho foram oito meses e sem renda, cinco?

É, eu fiquei os oito meses sem trabalhar. Aí teve o seguro desemprego que foram cinco meses – eles dão em cinco parcelas. Aí, uns três, quatro meses aí sem renda nenhuma. Aí, eu consegui o temporário pra dar uma ajuda.

- E como é a relação de trabalho na sua família?

Meu pai faleceu já faz uns quatro anos. Era ele que era o provedor master da casa. Foi funcionário de um prédio durante trinta anos e, quando ele faleceu, a gente alugou o lugar onde a gente morava pelo trabalho dele. Minha mãe é a locatária. Minha mãe é doméstica, trabalha com uns familiares meus, que são meus padrinhos de casamento, desde que ela veio pra cá, desde os quinze anos... Ela é de 62... Aí, saiu um tempo, foi fazer outras coisas. Depois, voltou e ‘tá aí com meus padrinhos há mais de 40 anos. Já se aposentou, mas continua lá. Acredito que vá ficar lá até ou ela ou meus padrinhos morrerem. Eles são muito ligados. Desde que ela veio do Nordeste já conheceu essa família. Minha mãe veio pra cá com quinze anos, ficou com eles. Acho que eles têm uma diferença de uns cinco anos. Estavam se casando. Aí, minha mãe já começou a trabalhar com eles. Virou padrinho de casamento. Quando eu nasci, virou padrinho de batismo. Aí, eles têm um filho que é mais ou menos da mesma idade que eu, um pouquinho mais velho, que também tá desempregado [...].

Eu moro com a minha mãe e ela que ‘tá me ajudando. Porque também teve a pensão do meu pai, que ele faleceu, então a gente deixa essa pensão pras contas e o que ela vai ganhando a gente vai se virando. **E ela se aposentou também. Então, a gente tem a aposentadoria dela.** Então, a gente tira da aposentadoria e de outras coisas que vão aparecendo, e o trabalho dela é mais pela família, não é mais pela renda, não é mais pela estrutura financeira, mas por ‘tá junto mesmo.

- E a relação de trabalho com seus amigos, no geral?

No geral, é bem tranquilo. Eu tenho um círculo de amizade não muito grande, razoável, mas a gente se entende bem. Alguns ‘tão fora da área. Por exemplo, o R. é uma pessoa que saiu da área. Ele não trabalha, virou músico, mas agora ele tem uma renda fixa como músico. A coisa deslanchou. Então ele largou toda essa coisa de trabalho pra seguir exclusivamente com banda. Pra mim, é dos mais impressionantes, uma pessoa que era muito bem-sucedida no trabalho, financeiramente, mas largou tudo pra ser músico. A família não apoia muito. Ele não é mais um menino tão bem visto assim, porque banda, estar na noite tocando, não é lá um estilo de vida que seus pais que criaram tanto, então não gostam muito. Mas, no tocante assim, acho que todos os meus amigos trabalham dentro das suas áreas.

- Você pensa em conciliar música com sua área?

Eu particularmente prefiro mais como *hobby*. Tentei um tempo dar aula. Sou formado em guitarra, gosto de tocar e tal... Tentei um pouco dar aula, mas acho que não é o que acho que vai me sustentar pro resto da vida. Acho que eu prefiro mais pensar no foco da faculdade, do curso, do que o diploma pode me trazer, do que propriamente a música. Dá até pra conseguir dar aula em escola e tal, mas eu não sou uma pessoa que gosta muito de

dar aula. Não sou dos melhores que estuda também. Então, se você não gosta de estudar, pra forçar também outra pessoa a fazer o que você não gosta não dá muito certo.

- Como você tá se sentindo hoje em relação a não trabalhar?

Ah! É ruim. Primeiro por causa das cobranças. Acho que, por eu estar numa relação já há quatorze anos, já 'tou com a corda no pescoço pra casar e, sem o trabalho, tudo fica mais difícil. Parece que os horizontes não se cruzam sabe? As coisas parecem não rodar, a vida fica meio parada. Parece que o emprego é realmente uma força motora pra gente continuar progredindo. **Não digo nem na parte das finanças, porque não tá me faltando nada com relação a dinheiro, mas a estrutura familiar, quando pensa em casar,** aí você põe no papel, vê o que precisa economizar. Quem casa quer casa e, hoje em dia, pra você adquirir um apartamento é bastante pesado os valores.

Então, emprego, pra mim, particularmente, interfere muito na cobrança. As pessoas me cobram muito: "Mas e aí? 'Tá fazendo alguma coisa?". Todo mundo em volta me pergunta "E aí? Trabalhando? Não sei quê..." E eu sempre foco nisso. Eu sempre me viro com música, sei que dá pra me virar, mas **o emprego em si, e o fato de estar empregado, eu acho que interfere muito na cobrança. As pessoas cobram muito e eu acho que é imprescindível mesmo. Eu me sinto... Não vou dizer que me sinto mal... Vou te falar: 'tava assistindo agora as Olimpíadas. Não 'tou me incomodando nem um pouco, não perdi nenhum dos esportes.** Mas a ocupação da mente, né? Pelo menos a parte boa de eu não [estar] trabalhando é que eu consigo me dedicar à faculdade. Eu peguei onze matérias no semestre passado. No final, pra mim foi ótimo. No final, pra mim foi maravilhoso! Consegui me dedicar os dois, quase três meses única e exclusivamente à faculdade. Então, já adiantei um bom pedaço do caminho que eu precisava. Mas é! É, ruim assim. **O que eu vejo pelas pessoas,** não só pelo meu ciclo de amizades, mas você sai, aí você conversa... Hoje em dia, com esse negócio de caçar Pokemón, você acha um monte de gente pela rua aí também. E você vai conversando... Porque **você sai no meio da tarde e você encontra pessoas também caçando no meio da tarde. Aí você fala: "Meu! A pessoa 'tá caçando Pokemón aqui! Devia 'tá trabalhando. Ou você caça ou você trabalha. Então, você vai começando a conversar com muitas pessoas que 'tão no mesmo barco, que não são do seu círculo de amizade, mas também não 'tão trabalhando. E você vê que as pessoas se abatem muito assim. Eu acho que o fato de não trabalhar preocupa muito as pessoas. Mesmo que você esteja sendo – no meu caso – sendo sustentado, rola uma preocupação muito grande. Acho que o emprego, ele é uma forma de futuro. Eu vejo como uma segurança. As pessoas veem muito como segurança.** Eu converso com as pessoas na rua e eu vejo que as pessoas se preocupam muito com isso, com o que pode acontecer. Hoje, a crise que a gente tem é muito pela insegurança do que pode acontecer, insegurança do futuro. E acho que o trabalho veio muito disso mesmo, a insegurança de você sentir o que é que vai acontecer pra frente. **Não é nem pelo fato, "ah! eu 'tou sem trabalhar agora". Beleza! Agora eu vou aproveitar meu tempo com alguma outra coisa enquanto não aparece nada.** De manhã eu vou lá, faço minhas procuras de emprego, mando meus currículos. Da tarde pra frente não tem mais nada pra fazer. À noite então... Ninguém vai me contratar à noite. **Então, eu acho que o aproveitamento do tempo, se você conseguir, o presente não é o problema, mas o futuro, eu acho que assusta muito no que vai acontecer.** Hoje a gente tem a insegurança de "ah! Será que a política vai mudar alguma coisa com o emprego, o emprego vai mudar alguma coisa com a política?" **E acho que a insegurança é o maior dos problemas de não estar empregado. A insegurança do futuro, eu acho. É o que mais assusta, eu acredito.**

- Você acha que são diferentes as inseguranças do homem e da mulher por não estarem trabalhando?

Em relação de gênero? Ah, eu acredito que sim. Não sei se particularmente comigo, **mas a gente ficou sem emprego no mesmo momento, eu e a minha noiva, e eu via que nela,** não sei se abate, mas **a pressão nela era muito mais forte.** Eu sentia que, até mesmo o desespero dela... **Pra mim, o sentimento era que a água 'tava no joelho. Pra ela, 'tava chegando na ponta da orelha já.** Ela se sentia que já 'tava se afogando. Não sei se pela

cobrança de já tá formada, e mesmo assim ser mais difícil... Eu, como não tava formado... Não sei, eu realmente não sei explicar exatamente por quê que ela se sentia diferente, mas a cobrança na mulher eu acho mais pesada. Não sei se, no meu caso, foi mais leve, mas eu acredito que era mais pesada sim. **Ela pensava em, sei lá, fazer algum outro trampo autônomo, tentar fazer consultoria ou, sei lá, fazer cosmético, miçanga, qualquer coisa. Ela já batia um desespero. Eu já acho que... Eu trabalho mais com... Além das cobranças, minha mãe quase me mata todo dia de manhã por causa disso, mas a gente vai administrando. Mas eu vejo, por exemplo, os pais dela cobravam muito mais dela do que os meus pais me cobravam.** Então, não sei se nesse foco que você 'tá querendo colocar, nesse sentido, eu percebi que a cobrança em cima dela era maior do que em cima de mim. Até mesmo nas conversas, ela falar que 'tava desempregada pegava até mais pesado do que pra mim. Não sei se tem alguma coisa a ver, se era nosso ciclo, mas, aparentemente, eu acho que pra ela pesou mais do que pra mim. [...].

Nossa Senhora! Minha formação acadêmica é interessante. Fiquei de 2005 até 2008... acho que fiquei quase quatro anos parado. Saí da escola e fui fazer um tecnólogo de dois anos. Aí, desse eu fui pra faculdade. Fiz dois anos de faculdade, parei. Aí, tentei voltar numa outra faculdade que era muito ruim, que não me dava estímulo nenhum, e eu acabei desenganando. Aí, fiquei mais uns seis meses nessa faculdade, não gostei e parei de novo. Aí, pouco depois, o meu pai faleceu. Aí, minha mãe falou: "Não. Volta pra faculdade. Termina. Vai, que a gente da um jeito". E, aí, agora, eu 'tou pra terminar, mas fiquei quatro, cinco anos sem estudar.

[...] Minha mãe 'tá me ajudando a pagar, por isso a cobrança de emprego tá muito difícil, mas não pelas finanças propriamente, pelo dinheiro, mas porque... Não sei... As pessoas entendem que você tem que 'tá trabalhando. Eu 'tou me dedicando única e exclusivamente aos estudos. **Às vezes eu vou pra faculdade à tarde e fico até a noite estudando, mas mesmo assim não é o suficiente, você tem que tá trabalhando.** Então, não é nem pelo dinheiro. As contas estão andando bem, porque **tem a pensão do meu pai, como eu falei. Então, é como se ele ainda tivesse pagando tudo.** Então, a gente não 'tá com nenhum problema pelo fato disso, não tem nenhum desencanação. Mas eu vejo que há uma necessidade de você estar empregado, independentemente pra quê ou por quê, mas tem que 'tá empregado.

Como eu ganhei um fôlego... **Minha mãe 'tá aí quebrando o galho, segurando tudo. Com a faculdade 'tá em ordem. Então, ganhei um fôlego pra não me abater pela crise.** Porque você sair hoje pra procurar emprego... Eu falo por mim. Esse processo seletivo que eu 'tava foi proveniente de umas cem tentativas em todos os meios que você imaginar. E é tudo dentro da minha área. Eu não tento qualquer coisa. Tento dentro do que eu posso ir pra uma entrevista e me sair bem. Então, assim, é muito difícil hoje. Eu falo que o mercado de trabalho 'tá muito desconfiado com novas contratações e, pra quem tá fora do mercado, é muito difícil voltar. Então, como eu 'tou ganhando esse fôlego, eu 'tou tentando em lugares específicos. Queria banco, mercado financeiro, tipo bolsa de valores, que acho que é o que vai me dar o sustento que eu preciso. **Mesmo com as pressões externas, minha mãe, eu precisando casar, e tudo mais, eu ainda consigo respirar um pouco pra procurar um foco do que eu quero. Mas, se é uma pessoa que 'tá precisando muito, se a água já tá batendo no pescoço, é muito desesperador, porque 'tá muito difícil. Não é tão simples assim.**

APÊNDICE E – Entrevista – Carlos, 39 anos

Eu comecei a trabalhar muito cedo, comecei a trabalhar com dez anos, mas não tinha a ver com a minha profissão que hoje eu atuo. Comecei trabalhando como *officeboy*, trabalhando com meu pai. Então, trabalhei dos dez aos quatorze anos como *officeboy*. Depois, atuei numa vídeo locadora, **porque eu sempre quis ter meu dinheiro, ter minha independência financeira, ao invés de ficar dependente dos pais, do dinheiro dos pais**. E, a partir dos dezessete anos, que eu entrei na faculdade, já comecei a trabalhar na minha área que é de engenharia elétrica. Eu iniciei meu trabalho no setor industrial com uma empresa multinacional americana. Trabalhei cinco anos nessa empresa e, depois, fui pra outra multinacional onde fiquei mais seis anos. A partir daí, tive uma proposta muito boa financeira e também de crescer na carreira que era pra trabalhar na área de óleo e gás. Fiquei onze anos nessa área viajando, viajando pra fora do país, ganhando um salário relativamente bem alto pros níveis de Brasil. E, com essa crise aqui política da empresa, os contratos foram cancelados, foram parados, e eu tive que migrar pra uma outra área. Voltei pra área industrial. Mas essa empresa que eu ‘tava ‘tá atravessando uma crise grande e parou o projeto que ‘tava programado, que era construir uma nova fábrica no interior de São Paulo – ela é de outro Estado. Aí, por causa da crise, a construção dessa fábrica foi paralisada, e a equipe toda foi desmobilizada, a gente foi dispensado. **Aí, agora, eu ‘tou buscando voltar pro mercado de trabalho.**

‘Tou procurando algo na área da engenharia elétrica, mas não é meu primeiro objetivo, porque, tendo filho e com uma idade de 39 anos, não é uma idade tão avançada, mas pro mercado começa a ter algumas dificuldades. O que acontece, hoje, eu busco algo pra poder ficar próximo da minha família. Então, seria juntar esses anos que eu fiquei longe da minha família com o trabalho, mas não tá sendo fácil. Moro em uma cidade que não tem uma empresa da minha área. É uma cidade muito comercial e muito universitária. As indústrias foram embora da cidade. Tem uma indústria grande que não tá contratando e tem as empresas pequenas que é onde eu ‘tou buscando, mesmo sendo um ganho menor. Só que meu objetivo, hoje, é ficar próximo da minha família. Meus filhos nessa idade, eu tenho uma responsabilidade de encaminhá-los pra vida. Logo, logo tem faculdade. É uma idade que precisa do apoio do pai, da mãe. Então, meu objetivo é esse. **Claro, na hora que apertar muito, eu tenho que expandir onde a probabilidade é muito maior.** Então, eu botei uma meta esse mês de procurar algo aqui na região pra poder ficar próximo da minha família. A partir de setembro, se não eu não conseguir, já vou começar a expandir essa meta pra outros estados ou até fora do país.

- Como você se sente hoje em relação a não estar trabalhando?

Ah, Ísis, é o seguinte, posso falar pra você que é um misto de tristeza, claro, por estar fora do mercado, mas, ao mesmo tempo, eu ‘tou motivado, buscando ‘Tou fazendo algumas entrevistas. Eu não deixo desmover. Então, eu tento me motivar. A minha esposa, que trabalha com RH, eu converso muito com ela. Então, no começo foi difícil, você tem uma meta profissional, você tem família. **E, independente da família, eu sempre procurei crescimento profissional. Não um crescimento financeiro, tá? Primeiro o profissional, e o crescimento financeiro vem junto.** No começo foi difícil. Passa um mês, você fala: “vou voltar pro mercado”. Aí, passa um mês, passa dois meses e não retorna. Traz um desânimo, mas agora eu ‘tou mais confiante, ‘tou buscando e, se Deus quiser, logo, logo eu ‘tou de volta ao mercado de trabalho.

- Qual o valor que você acha que o trabalho tem na sua família e entre seus amigos? Valor financeiro?

- Não, valor subjetivo. A referência que as pessoas que estão ao seu redor têm de trabalho O que eles acham da minha pessoa na minha área de trabalho, é isso?

- E também deles, por exemplo, são pessoas que trabalham muito, só trabalham pelo ganho financeiro, ou no que dá prazer em trabalhar...

Não, então, vamos lá. **Eu tenho uma avaliação minha como uma posição muito boa da minha família, de que eu sou muito trabalhador. Eles falando – não sou eu –, que eu**

sou muito capaz, muito inteligente, muito proativo, e eu levo isso pra minha vida. Então, como eu sou no trabalho, eu também lido com isso no dia a dia com a minha família. **Em relação aos meus amigos, o que eu busco são pessoas simples, que queiram uma amizade verdadeira. As minhas amizades não são com gente com dinheiro, são mais ou menos da minha área, ou até um pouco maior.** Mas o que eu busco mesmo, hoje, é amizades verdadeiras, independe de ter dinheiro ou não. Esse é o meu objetivo em relação a amigos. Por isso mesmo que as pessoas têm poucos amigos na vida. **Eu fui uma pessoa que fui muito ausente, né? Trabalhei muito durante esse período. Então, hoje, eu busco uma estabilidade em relação à amizade, em relação à família. O dinheiro, eu já sei o que é ganhar muito, sei o quanto é bom ganhar muito, mas você perde em outros lados.** O que eu busco hoje é ter mais amigos, é ter uma amizade verdadeira por muitos anos e 'tá perto da minha família. É isso o que eu busco hoje.

- Como você se sente em relação à sua esposa ser hoje a única provedora do lar?

Eu me sinto não mal, mas eu tenho consciência da responsabilidade que eu preciso também dividir as contas da casa com ela. Todos esses anos ela trabalhou e eu sempre paguei as contas, e deixei ela com dinheiro pra ela fazer as coisas dela, porque o salário do engenheiro é muito mais alto do que o salário do psicólogo, o salário do psicólogo é muito mais baixo. Então, eu mantinha a casa e deixava ela com dinheiro pra fazer as coisas dela. **Agora inverteu um pouquinho. Ela 'tá pagando as contas da casa e, hoje, eu 'tou dependendo dela, mas sem muito sentido. Eu não sou muito de sair, fico em casa, tenho dado aulas particulares para os meus filhos, porque eles têm alguma dificuldade. Então eu pessoalmente não 'tou dependendo tanto de dinheiro. Dinheiro, hoje, é mais pra pagamento das contas da casa, tá? Então, hoje, o que eu preciso é pouca coisa. A minha esposa me ajuda, mas nenhum valor relevante, tá?** A gente tem um carro próprio, a gente quer buscar uma casa própria, mas hoje a gente tem consciência que temos dois filhos numa idade que precisa de verba pra escola particular, plano de saúde. Então, a gente praticamente usa o que ela ganha e o que eu ganhava pra sustentar eles, não a nós. Nós é uma consequência, tá?